



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

JULIANA BRAZ DE SOUSA

**TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS FORMAIS DE MULHERES
NEGRAS: ENTRE EXCLUSÕES E RESISTÊNCIAS**

TRAMANDAÍ
2021

JULIANA BRAZ DE SOUSA

**TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS FORMAIS DE MULHERES NEGRAS: ENTRE
EXCLUSÕES E RESISTÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
Requisito para a obtenção do título de Licenciada
em Educação do Campo- Ciências da Natureza –
Universidade Federal do Rio Grande do Sul –
UFRGS.
Orientadora: Prof. Dra Claudia Glavam Duarte.

Tramandaí

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Souza, Juliana Braz de
TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS FORMAIS DE MULHERES
NEGRAS: ENTRE EXCLUSÕES E RESISTÊNCIAS / Juliana Braz
de Souza. -- 2021.
53 f.
Orientadora: Claudia Glavam Duarte.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Educação do Campo,
Tramandaí, BR-RS, 2021.

1. Racismo. 2. Mulheres negras. 3. Educação Formal.
4. Exclusão. I. Duarte, Claudia Glavam, orient. II.
Titulo.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JULIANA BRAZ DE SOUSA

**TRAJETORIAS EDUCACIONAIS FORMAIS DE MULHERES NEGRAS: ENTRE
EXCLUSÕES E RESISTÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
Requisito para a obtenção do título de Licenciada
em Educação do Campo- Ciências da Natureza –
Universidade Federal do Rio Grande do Sul –
UFRGS.

Orientadora: Prof. Dra Claudia Glavam Duarte.

Data de aprovação: (20 de janeiro de 2001)

Banca examinadora

Prof. Claudia Glavam Duarte (Orientadora)

UFRGS - CLN

Prof. Dr. André Boccasius Siqueira

Prof. Dra. Neila Seliane Pereira Witt

Dedico esse trabalho primeiramente aos meus pais pelo carinho, dedicação, cuidado e amor durante toda a minha vida até aqui. À professora Claudia Glavam Duarte pela sua atenção ao longo do projeto, por ter tido toda paciência comigo e pela influência que ela teve durante a minha trajetória no curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por toda a compreensão, carinho, dedicação, amor, paciência e incentivo durante toda essa minha trajetória até aqui. Ao meu pai por sempre estar ao meu lado em qualquer momento, tanto nos de dificuldades quanto nos de alegrias. Por me aguentar tendo crises de raiva, ou crises de ansiedade, por acreditar em mim a todo momento, por todo o suporte que ele me dá nessa vida. Pelo incentivo para que eu estude, inclusive quando me mudei para a praia, por me falar da importância que é estudar e por se disponibilizar a me ajudar no que eu precisei. À minha mãe que sempre me diz que só quer o meu bem e aquilo que me faz bem, que está sempre prezando pela minha saúde física e mental, e vive dizendo, tudo vai dar certo filha! Que me apoia e tem tanto cuidado comigo desde que me conheço por gente. À professora Claudia Glavam Duarte que é inspiração desde o início do curso, que sempre me incentivou e que agora, no trabalho de conclusão do curso, esteve presente com muita paciência, compartilhando os sentimentos de angústias e felicidade, acreditando na conclusão e sucesso desse trabalho e que aceitou o convite para ser minha orientadora. Aos meus amigos que me aguentaram reclamando e chorando pois, muitas vezes, desacreditei de mim mesma. Nesses momentos vocês me incentivaram a não desistir. Em especial a amiga Adriana do Nascimento Santos que sempre esteve ao meu lado desde o início do curso, compartilhando as angústias, os momentos de incertezas, os desesperos de finais de semestres, as saídas de campo, as alegrias, as comemorações de mais um semestre concluído, os trabalhos, os estágios, as discussões de ideias e que me modificaram tanto e ainda modificam. À Universidade Federal do Rio Grande do Sul que possibilitou o espaço, tanto físico, quanto o de pesquisa. Ao Curso Educação do Campo- Ciências da Natureza e todo o corpo docente que tornou possível essa formação que tanto me modificou e que me fez ver a importância dos povos do campo, da interdisciplinaridade, e de enxergar o valor que eu tenho como mulher negra. Que conceberam momentos de reflexões, aprendizados, rodas de conversas, palestras que, por muitas vezes me emocionaram e que tornaram possível essa graduação tão linda. À todas as mulheres negras, em especial as mulheres negras que participaram dessa pesquisa, que me receberam sempre se colocando à disposição, pelos diálogos/ entrevistas que tivemos e por compartilharem um pouco de suas vidas, através de relatos. Só tenho a agradecer! Muito Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho se atém às trajetórias educacionais formais de três mulheres negras, destacando as discriminações e exclusões enfrentadas, por cada uma, durante seus percursos educacionais formais. Identifica-se, dessa forma, por meio de suas narrativas, os enfrentamentos étnico-raciais vivenciados e seus posicionamentos sobre o racismo estrutural experienciado em nossa sociedade. A pesquisa de cunho qualitativo ocorreu através de entrevistas semiestruturadas e foi se constituindo conforme o diálogo estabelecido. Posteriormente, buscou-se identificar e analisar, a partir de uma escuta atenta às suas histórias, possíveis respostas ao seguinte problema de pesquisa: Estudantes negras, em seus percursos educacionais formais, enfrentam situações de discriminações étnico-raciais? Que situações são essas? Para responder essas questões o trabalho foi dividido em: introdução intitulada: constituir-se e reconhecer-se negra: tecendo tranças com vários fios, que apresenta as primeiras reflexões e minha aproximação com a temática. No primeiro capítulo intitulado: Investigações sobre relações étnico-raciais: fios de uma trança nagô apresento uma revisão de literatura. Em seguida, destaco o percurso metodológico. Tal capítulo foi intitulado modos de fazer pesquisa e apresenta as participantes das entrevistas bem como os referenciais que sustentam a investigação. No terceiro capítulo, são analisadas as narrativas das entrevistadas em interlocução com o material teórico consultado. Como resultados apresento as seguintes densidades analíticas: as exclusões e suas relações com a tonalidade da cor da pele, a invisibilidade e a necessidade de pertencimento no período escolar, os sentimentos, percepções e resistências em uma escola de maioria branca, as discriminações e suas relações com os aspectos físicos e, por último as situações na universidade onde os desafios se multiplicam. De forma geral, a pesquisa aponta que a sociedade ainda está marcada pelo racismo estrutural e por uma cultura racista. O número de negros ocupando espaços educacionais ainda são muito baixos, e para que isso se modifique são necessárias novas estratégias, que incluam o negro, que lhe ofereçam oportunidades nos ambientes educacionais. Somente assim será possível, para nós negros, ocuparmos espaços, que são nossos de direito.

Palavras-chave: Educação Formal; Exclusão; Mulheres; Negras; Racismo;

ABSTRACT

The present work adheres to the formal educational trajectories of three black women, highlighting the discrimination and exclusions faced by each one during their formal educational pathways. In this way, through their narratives, the ethnic-racial confrontations experienced and their positions on the structural racism experienced in our society are identified. The qualitative research took place through semi-structured interviews and was constituted according to the established dialogue. Subsequently, an attempt was made to identify and analyze, from an attentive listening to their history, possible answers to the following research problem: Black students, in their formal educational pathways, face situations of ethnic-racial discrimination? What are these situations? To answer these questions, the work was divided into: introduction entitled: constituting and recognizing oneself as black: weaving braids with several threads, which presents the first reflections and my approach to the theme. In the first chapter entitled: Investigations on ethnic-racial relations: threads of a Nagô braid I present a literature review. Then, I highlight the methodological path. This chapter was entitled ways of doing research and presents the interview participants as well as the references that support the investigation. In the third chapter, the interviewees' narratives in dialogue with the consulted theoretical material are analyzed. As a result, I present the following analytical densities: exclusions and their relationships with skin color, invisibility and the need to belong in the school period, feelings, perceptions and resistances in a white school, discrimination and their relations with the physical aspects and, finally, the situations at the university where the challenges are multiplying. In general, the research points out that society is still marked by structural racism and a racist culture. The number of blacks occupying educational spaces is still very low, and for this to change, new strategies are needed, which include blacks, which offer opportunities in educational environments. Only in this way will it be possible, for us blacks, to occupy spaces, which are our right.

Keywords: Formal education; Exclusion; Women; Black; Racism;

SUMÁRIO

1. Constituir-se e reconhecer-se negra: tecendo tranças com vários fios	14
2. Investigações sobre relações étnico-raciais: fios de uma trança nagô	22
2.1 Elelo - Fios de cabelos torcidos, compondo diferentes penteados.	23
2.2 Patwo - Um estilo que lembra os Oni Xangô, filhos do orixá Xangô. São tranças laterais que se unem em uma só no meio da cabeça.	25
2.3 Koko- penteado básico, que pode ser usado em crianças a partir de uma idade.	27
2.4 Koroba-Trança -típica da cultura fulan, são tranças bem fininhas e soltas.	29
2.5 Suku - Tranças que culminam no topo da cabeça.	30
3. Percurso Metodológico: modos de fazer pesquisa	32
4. Entre discriminações, exclusões e resistências: narrativas negras	37
4.1 A TONALIDADE DE PELE NEGRA: GRADIENTES DE EXCLUSÕES	38
4.2 DISCRIMINAÇÕES E EXCLUSÕES– a trajetória educacional formal	39
4.2.4 - <i>SITUAÇÕES NA UNIVERSIDADE- OS DESAFIOS SE MULTIPLICAM</i>	47
5. Conclusão: uma breve interrupção	52
Referências	54

1. Constituir-se e reconhecer-se negra: tecendo tranças com vários fios

A cultura e o folclore são meus
 Mas os livros foi você quem escreveu
 Quem garante que palmares se entregou?
 Quem garante que Zumbi você matou?
 Perseguidos sem direitos nem escolas
 Como podiam registrar as suas glórias?
 Nossa memória foi contada por você
 E é julgada verdadeira como a própria lei
 Por isso temos registrados em toda história
 Uma mísera parte de nossas vitórias
 É por isso que não temos sopa na "cuié"
 E sim anjinhos pra dizer que o lado mal é o
 candomblé.
 (PEREIRA, Alexandre, 1999)

Especula-se que o povo negro se destaca no futebol e na música, e quanto a isso eu tenho que concordar, principalmente na parte musical. Quando escuto um bom jazz, um blues, um reggae, como o supracitado, ou um rock, um batuque, um maracatu, consigo perceber o quanto a música negra toca e emociona. São diversificadas letras e poemas que representam a nossa cultura e que, às vezes, emergem como denúncia, questionando a escravidão, os atos racistas e o “estupro” cultural vivenciado. Tais denúncias surgem como possibilidade de enfrentamento e empoderamento provando que somos fortes e resistentes e de que estamos “aqui” para ocupar nosso lugar. Esse “aqui” representa diversificados espaços antes não ocupados por nós, ou ocupados de maneira parcial, nos sentindo, dessa forma, subalternos.

Nascemos, crescemos, nos constituímos como sujeitos de uma sociedade e nos adaptamos às realidades específicas de cada ambiente. No entanto, algumas dessas realidades nos são impostas e resta-nos, muitas vezes, somente sobreviver, resistindo aos ataques e discriminações. Essa sobrevivência que, ocupa um longo período em nossas vidas, não nos possibilita, muitas vezes, questionar: Que tipo de sociedade é essa na qual estamos vivendo e nos constituindo como sujeitos negros? De que maneira essa sociedade

se constitui? Tenho privilégios/direitos nesse espaço? Qual é a posição que ocupo nesta sociedade? Como sou vista/representada neste local?

A partir desses questionamentos e da percepção de que o racismo existe, e que ocorre de diferentes formas, das mais perceptíveis até aquelas que se dão de forma mais microfísica, é que emerge esse Trabalho de Conclusão de Curso. Após várias leituras e discussões ao longo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: ciências da Natureza, algumas questões me provocaram e me impulsionaram a pensar em como a sociedade se constitui, qual é a situação dos negros nesse espaço e por que o racismo ainda é existente. Obviamente que estas questões são complexas, porém, não há como negar a existência de um racismo estrutural que sustenta a sociedade contemporânea.

O racismo estrutural se constitui a partir de três dimensões principais: Econômico, Político e Social. O entrelaçamento destas esferas aponta que racismo não é algo anormal e sim algo tido como “normal”. O filósofo, jurista e professor universitário Silvio Luiz de Almeida, na obra: *o que é Racismo Estrutural?* (2018, p.38, 39) justifica que:

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que “ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. (ALMEIDA, 2018, p. 38,39).

O autor elude, neste trecho de seu livro, que a maneira como a sociedade é constituída reprisa parâmetros de discriminação racial, nos campos da política, da economia e da jurisprudência. Dessa forma, o racismo estrutural nacionalizado acaba se constituindo como parte integrante de nosso meio social. Para que ocorram mudanças é necessário que se faça uma reflexão intensa referente ao modo como essas relações se entrelaçam e alicerçam as estruturas do Estado.

A partir dessa concepção é possível vislumbrar vários efeitos: a naturalização da violência contra pessoas negras, a não ocupação de pessoas negras em determinados espaços de poder, a falta da representatividade da mulher negra em diferentes âmbitos sociais e a naturalização da “branquitude”, por exemplo. Especificamente sobre a mulher

negra a pesquisa intitulada Desigualdades Sociais por Cor ou Raça publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), aponta que no ano de 2018 mulheres negras recebiam, em média, menos da metade dos salários dos homens brancos, ou seja 44,4%, mostrando aqui a desigualdade tanto na distribuição de cargos, quanto na questão salarial. Nesta perspectiva, pode-se perceber como a sociedade está estruturada para normalizar o racismo e manter privilégios estruturalmente estabelecidos.

A naturalização dos processos discriminatórios aliados à perversidade de atos que se desenvolvem, muitas vezes, de forma quase imperceptível, acabam por sombrear/minimizar os fatos supracitados impedindo que nós percebamos em uma sociedade racista. Tal processo de naturalização impede de nos questionarmos se já presenciamos o racismo em nossas vidas ou se existem certos privilégios dos quais não temos acesso. Assim, podemos passar uma vida inteira sem perceber esse racismo, que por ser tão estruturado e enraizado, passa por algo “normal”, “comum”. Sobre a naturalização de processos discriminatórios Almeida (2018, p. 142) alerta que

[...] a sociedade julga normal que a maioria das pessoas negras recebam salários menores, se sujeitem ou suportem os trabalhos mais degradantes, não frequentem as universidades, não ocupem funções de comando, residam em regiões periféricas e sejam assassinadas com frequência por comandos dos Estados.

Assim, o surgimento de questionamentos, que às vezes só ocorrem quando, ao adentrarmos os espaços universitários, nos fazem perceber que o racismo existe sim, e que a luta pela transformação social, passa pela luta contra o racismo estrutural, o que significa que certos grupos precisam abrir mão de certos privilégios¹, para que a luta seja efetiva.

Mas paremos para pensar de que maneira essas estruturas foram criadas? A sociedade se estruturou de uma forma piramidal. Nesse formato, fez-se necessário que um excessivo número de pessoas fossem excluídas para que poucos estivessem no topo, local que garante o acesso a todos os direitos constitucionais, restando a maioria a ocupação da base, do sopé, local que, por sua vez, não garante o acesso a tais direitos. Na tentativa de manter esse formato e os privilégios para poucos, outros atributos são chamados a reforçar essa distribuição desigual: o racismo. Dessa forma, consegue-se perceber como o racismo é fundamental para manter todas as formas de exploração, sejam

¹ Cabe destacar que os privilégios se dão por intermédio de outras marcas também. Destaco, o machismo por exemplo, que traz privilégios aos homens e estrutura relações sociais a partir da hierarquização dos gêneros,

elas de cunho econômico, social ou político. Nessa concepção o racismo estrutural não é algo que as instituições ou os seres humanos têm a opção de praticar ou não, ele surge como uma característica do sistema. No entanto, essa característica estrutural não exige a luta individual de cada sujeito, pois como afirma Almeida (2018, p. 40):

[...] pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um alibi para racistas. Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas.

Nesta perspectiva, cabe reiterar, conforme o autor, que apesar de ser uma característica do sistema, não retira-se as atribuições individuais sobre atos racistas. A estrutura posta não pode se constituir em uma desculpa para as práticas que contestam tal estrutura. Acredito que é aí que devemos nos questionar sobre o tipo de sociedade que estamos construindo a fim de suspender a naturalização da desigualdade e a normalidade do racismo. Dito de outro modo, acredito que sempre é momento de conhecer, identificar e, quem sabe contribuir para desconstruir certas estruturas prejudiciais da sociedade, a fim de enxergarmos que vidas negras importam, jargão tão presente neste momento².

Ao escrever estas linhas, acompanhada de músicas cantadas pelo artista Gilberto Gil - Toda menina baiana, pela banda Natiruts- Palmares 1999, entre muitas outras músicas que representam a cultura do povo negro, me dou conta de que, a cada passo de minha vida, me constituo “mais negra”. Assim, ao escutar essas canções me sinto emocionada, gerando um sentimento de pertencimento, e de orgulho dos meu ancestrais pela força e pela garra. Minha vontade é externalizar esse sentimento para que mais pessoas negras possam sentir e perceber alguns aspectos, antes não percebidos, do racismo que estão inseridos em nossa sociedade. Tal percepção e a escuta da batida dos tambores que embalam as músicas, me soam como um sinal de resistência e me convocam, ainda mais, para a escrita deste trabalho. Frases que escutei ao longo de minha

² Essa frase nasce a partir do enfrentamento aos atos racistas que aconteceram em Mineápolis, EUA, no dia 20 de maio de 2020. George Floyd, um afro-americano foi assassinado após o policial Derek Chauvin ajoelhar-se no pescoço dele por 8 minutos, enquanto George estava de bruços. Este ato de brutalidade e violência com o cidadão negro, causou uma revolta no povo negro que está cansado de ser julgado como bandido, de má índole e principalmente cansados de serem mortos por autoridades, que abusam de seus poderes e privilégios.

vida, tais como: posso encostar no teu cabelo?³ Mas eu tenho amigos negros! Eu não vejo cores, vejo seres humanos. Eu sou branco e também sofro racismo. Vocês nunca serão respeitados se forem assim agressivos, hoje ressoam de forma diferente, pois não as trato mais com tanto bom-humor como antigamente. Orgulho em ser negra, é o que tem definido meu momento e por esse motivo e os outros apresentados aqui é que não se pode mais admitir a naturalização das desigualdades e, para isso, se faz necessário um olhar mais atencioso para a vida da população negra.

Diante disso resolvi escrever esse trabalho e desenvolver essa pesquisa, pois percebo, ao longo de minha graduação o quanto a presença negra nos espaços universitários ainda é irrisória mesmo que haja uma leve modificação neste quadro, como aponta a pesquisa do IBGE do dia 13 de novembro de 2019, intitulada Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Tal investigação sinaliza que:

Com vistas a ampliar e democratizar o acesso ao ensino superior, uma série de medidas foi adotada a partir dos anos 2000: na rede pública, a institucionalização do sistema de cotas, que reserva vagas a candidatos de determinados grupos populacionais, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - Reuni e o Sistema de Seleção Unificada - SISU; e, na rede privada, a expansão dos financiamentos estudantis, como o Fundo de Financiamento Estudantil - FIES e o Programa Universidade para Todos - Prouni. Nesse contexto, e com a trajetória de melhora nos indicadores de adequação, atraso e abandono escolar, estudantes pretos ou pardos passaram a compor maioria nas instituições de ensino superior da rede pública do País (50,3%), em 2018. (IBGE, 2019, p.9)

Dados publicados em 31 de outubro de 2016 e republicado em 19 de junho de 2020 no site www.politize.com.br, pela Estudante de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), curadora do TEDxBlumenau e ex-assessora de conteúdo do Politize, Carla Meireles, nos mostram que: “em 1997 era 1,8% da população negra que ingressou no ensino superior. Em 2011, saltou para 11,9% – ou seja, houve um aumento de quase 1000%. Em 2014, 30,9% das vagas em institutos federais e 22,4% nas universidades foram destinadas a pretos, pardos e indígenas – 1/3 e 1/4 do total de vagas, respectivamente”.

³ Cabe ressaltar os movimentos de resistência que tem ocorrido, pois a beleza negra vem sendo cada vez mais incentivada. Os cabelos que foram por muito tempo motivo de piadas, opressão e julgamentos estão sendo “libertos” e admirados. Quanto mais crespo melhor! Essa valorização tem derrubado padrões impostos pela sociedade por anos, como a descoberta de que os lábios, narizes, cabelos são lindos e não devem ser modificados nem escondidos para se assemelharem a padrões impostos.

No entanto, não foi sempre assim, e por este motivo devemos continuar lutando. O que se pode analisar é que as cotas tiveram grande influência no aumento de ingressos negros, pardos e indígenas nas universidades, pois essa política pública surgiu para garantir o acesso ao ensino público superior para aqueles que não possuíam igualdade no acesso. Mas o que são ou o que se entende por política de cotas? Política de cotas são ações que visam garantir a redução dessas desigualdades, ou seja, no caso da população negra, elas visam corrigir as diferenças sociais, econômicas e educacionais subsequentes do período imperial escravista.

As cotas raciais podem ser entendidas a partir do conceito de equidade aristotélica, pois, segundo o filósofo Aristóteles para se promover a igualdade seria necessário tratar desigualmente os desiguais. Dito de outra forma, se duas pessoas vivem em realidades diferentes e forem concorrer com as mesmas condições, a desigualdade será perpetuada. Nesta perspectiva, a Universidade de Brasília (UnB) foi a primeira instituição de ensino no Brasil a adotar as cotas raciais. Isso ocorreu no ano de 2004 e de lá para cá, várias universidades e faculdades vêm adotando sistemas de ações afirmativas para os vestibulares e exames admissionais.

No entanto, se o quadro de desigualdade no Brasil entre negros e brancos continuar sendo ignorada e tratada como algo normal, ou ainda que negros tem as mesmas chances que brancos, a dificuldade de acesso para o povo afro irá se perpetuar por muito tempo. Por isso é preciso entender que: além dessa falta de oportunidade estar historicamente ligada à escravidão, a sociedade impôs o racismo estrutural em nossas vidas.

Cabe destacar que as problematizações que faço sobre esta temática se articulam com as discussões propostas pelo curso de Educação do Campo – que propõem a atender a uma nova demanda, os povos do campo, que lutam para obter uma educação de qualidade no meio rural, aproximada de suas realidades e que atendam as especificidades desse contexto. Entre esses povos do campo estão os quilombolas, que se inserem nesse ambiente e vivem de produções rurais, residindo em quilombos, que serviram como um ambiente de fuga, de alívio, de “lar” para os negros no período de escravidão.

Ademais, importante ressaltar que a temática escolhida para esse Trabalho de Conclusão de Curso, sobre os processos de exclusão, via racismo, também é resultante de minha participação, desde 2018, em um grupo composto de mulheres negras. Tal grupo me traz uma nova perspectiva do povo negro, e faz com que eu queira cada vez mais abordar esse assunto a fim de que possamos cada vez mais ocupar lugares que é de nosso direito.

Frente a essas justificativas, que pontuam como cheguei aqui, destaco que tenho como problema de pesquisa: **Mulheres negras, em seus percursos educacionais formais, enfrentam situações de discriminações étnico-raciais? Que situações são essas?**

Para responder essa questão elenquei como objetivos:

- Investigar a trajetória escolar e acadêmica de três mulheres negras
- Identificar, por intermédio de suas narrativas, os enfrentamentos étnico-raciais vivenciados por elas durante seus percursos educacionais formais, ou seja, escola e universidade.
- Identificar na narrativa de três mulheres já graduadas seus posicionamentos sobre o racismo estrutural vivenciado em nossa sociedade.

Para atingir os objetivos propostos dividi meu trabalho da seguinte forma: primeiro esta introdução intitulada: constituir-se e reconhecer-se negra: tecendo tranças com vários fios que apresenta as primeiras reflexões e minha aproximação com a temática. No primeiro capítulo intitulado: Investigações sobre relações étnico-raciais: fios de uma trança nagô apresento uma revisão de literatura, pois foi preciso conhecer, estudar alguns trabalhos já realizados. Em seguida, apresento o percurso metodológico. Tal capítulo foi intitulado modos de fazer pesquisa e apresenta as participantes da pesquisa bem como os referenciais que sustentam uma pesquisa que tem em histórias de vida seu objeto de análise. No terceiro capítulo, analiso as narrativas das entrevistadas em interlocução com o material teórico consultado. Por último faço as considerações finais e apresento a bibliografia utilizada.

2. Investigações sobre relações étnico-raciais: fios de uma trança nagô

Nagô, nagô
 Nossa rainha já se coroou
 Nagô, nagô, nagô
 Nossa rainha já se coroou.
 (ITAMARACÁ, Lia de, 2000)

Este capítulo tem por objetivo mapear, dar visibilidade aos escapes, aos pontos de fuga constituídos por trabalhos que articulam discussões sobre questões étnico-raciais e educação. Para isto utilizo-me da imagem da trança Nagô, visto que essa se articula a resistência e ao empoderamento do povo negro.

Desde o surgimento da civilização africana, o estilo do cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, para a identificação das tribos, a riqueza e a posição social das pessoas, transmite os valores culturais entre as gerações, exprime os laços entre amigos, e estabelece o papel do médico profissional. As tranças existem desde 3.500 antes de Cristo, e ela surgiu na África, o estilo de trança que nasceu lá foi o “cornrows” (mais conhecida para nós como nagô). No início do século XV, com a escravidão das sociedades africanas, o cabelo exerceu importante função de condutor de mensagens. Nessas culturas o cabelo era parte integrante de um complexo sistema de linguagem.

A matemática faz parte do penteado Africano e, como muitos outros africanos no Novo Mundo (escravidão), o conhecimento sobreviveu. Termos étnicos como nagôs, angolas, jejes e fulas representavam identidades criadas pelo tráfico de escravos, onde cada termo continha um leque de tribos escravizadas de cada região. Muita gente não sabia que as divisões e reconhecimentos de cada um era feito devido ao seu penteado que contém sempre um mapa para ajudar nas suas longas caminhadas, traçados e fugas. Nagô era o nome dado a todos os negros da Costa dos Escravos que falavam o ioruba.

Os franceses colonizadores do Daomé chamavam os iorubanos de nagôs. No período da escravidão a trança nagô foi utilizada para fazer mapas e desenhar rotas de fuga.

As tranças magras coladas ao couro cabeludo são testemunhas da resistência que vergaram as avós africanas para planejar fugas das fazendas e casas de seus mestres. As mulheres reuniam-se no quintal para pentear as menores, e graças à observação do monte, apresentavam na sua cabeça um mapa cheio de caminhos e saídas de escape, no qual dizem respeito aos montes, rios e árvores. Os homens ao vê-las sabiam quais rotas tomar. O seu código desconhecido para os amos permitia aos escravizados fugir. Existem penteados, para diversos tipos de acontecimentos sociais, para o casamento é utilizado o penteado conhecido como koju soko, que significa, olhar para o marido, este penteado é utilizado para casamentos, várias tranças se iniciam umas no alto da testa e outras na nuca. Também existem penteados utilizados em ocasiões fúnebres, o kolese, consiste em duas tranças feitas nas laterais da cabeça.

Assim, estou considerando cada trabalho aqui descrito, um trançado que produz fugas e lutas: fuga dos preconceitos, dos estereótipos, do racismo velado e exposto, da perda cultural e todos os obstáculos que o povo negro vem enfrentando ao longo dos anos e lutas pelo seu empoderamento.

2.1 Elelo - Fios de cabelos torcidos, compondo diferentes penteados.

A primeira “trança” que apresento é intitulada: Quem traz na pele essa marca... trajetórias escolares de professores(as) negros(as), (2012) que foi escrita por Kátia Teresinha Centeno Prudêncio como trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia-Licenciatura da Faculdade de Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O trabalho da pesquisadora relata trajetórias escolares de cinco professores (as), negros (as) que atuam na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Superior, destacando as marcas identitárias étnico raciais e os caminhos que os levaram à docência. Em seu trabalho Prudêncio (2012) relata, a partir das entrevistas realizadas, os processos discriminatórios experienciados pelos participantes da pesquisa tanto no âmbito educacional quanto em espaços não escolares. Além disto, a autora problematiza a ausência/presença de negros nos bancos escolares e, especificamente no exercício da profissão docente (PRUDÊNCIO, 2012).

A autora, já de início sinaliza os motivos que a levaram a fazer esta pesquisa. Estes estão ligados as suas memórias como aluna. Segundo a pesquisadora:

Quando eu estava na quinta série rodei em Matemática. Nesta época lembro de que na minha sala eu não tinha muitos amigos, pois as relações de amizade na aula eram mantidas entre alunos que tiravam notas boas. Percebi que muitos dos meus colegas, que se diziam meus amigos começaram a se afastar de mim quando minhas notas começaram a cair e diziam que além de ser negra ainda é burra” (PRUDÊNCIO, 2012, p. 12)

Observei que o que movia a autora a escrever este trabalho eram memórias de acontecimentos negativos por ela vivenciados. Na perspectiva de construir outra realidade a autora realiza uma investigação tendo o seguinte problema de pesquisa: “Como se constituem as identidades de discentes negros em busca da docência? (PRUDÊNCIO, 2012, p. 15). Para responder este problema ela realizou entrevistas dialogadas semiestruturadas com cinco docentes negros(as). A fim de mapear todo o processo educativo, a pesquisadora entrevistou “uma professora da educação infantil, uma do Ensino Fundamental, um professor do Ensino Médio e duas professoras do Ensino Superior.” (PRUDÊNCIO, 2012, p. 15). A pesquisadora considerou como objeto de análise narrativas sobre o período escolar de cada entrevistado, assim como acontecimentos, fora do âmbito escolar, que eles consideravam pertinentes de relatar a fim de problematizar as questões étnico-raciais.

De acordo com os resultados de sua investigação “é notável no discurso de todos/as professores/as entrevistados/as a presença de situações, muitas vezes, desagradáveis que no decorrer das suas experiências educacionais eles/as foram aprendendo a contornar.” (PRUDÊNCIO, 2012, p. 20). A leitura desta parte me fez pensar o quanto é difícil encontrar alguém, cuja cor não seja “branca”, que não tenha passado por algum processo discriminatório, seja esse consciente ou não. Por este motivo, a autora afirma que:

Ser negro é muito mais do que ter a tonalidade da pele escura ou cabelo crespo. Ser negro é ter que superar situações des(merecedoras) da sua raça, é pensar sobre as atitudes que se deve tomar quando alguma situação hostil provocada por “não negros” foge do controle, em relação as manifestações de racismo encontradas em diferentes setores da sociedade. (PRUDÊNCIO, 2012, p. 26)

Dessa forma, é interessante observar o quanto a autora se emocionou com este trabalho, com os depoimentos que lhes foram dados pois, em vários momentos do texto a pesquisadora pontua alguns acontecimentos de sua vida pessoal. No que tange aos resultados de sua pesquisa ficou evidenciada a importância do apoio familiar ou de

alguém que motive os negros, especialmente aqueles que buscam a docência como profissão, a não desistirem de seus sonhos. Assim, para a autora, “a consciência que cada professor tem, e o estímulo que recebem na família são insubstituíveis e que marcaram positivamente a sua vida e isso contribui também para os avanços na sua própria trajetória como docentes. Sem dúvida, a autoestima se consolida na medida em que são valorizados”. (PRUDÊNCIO, 2012, p. 27). Outro resultado encontrado nas narrativas dos professores diz respeito ao fato de que eles só eram reconhecidos no espaço escolar quando se destacavam em alguma disciplina. Assim, a aproximação se dava por interesses que, muitas vezes, não pressupunha a amizade. Outro dado interessante apresentado pelos entrevistados, refere-se a (quase) ausência de professores negros no âmbito escolar. Uma das entrevistadas chegou a mencionar que: “[...] as escolas privadas têm a remuneração melhor, melhores condições de trabalho. Sem dúvida as escolas privadas, na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Superior, elas pautam seus processos seletivos por critérios que não são só de mérito, mas, também étnico-raciais.” (PRUDÊNCIO, 2012, p. 31).

De forma geral, a autora sinaliza que todas as marcas deixadas nos corpos destes professores fizeram com que estes buscassem

[...] discutir uma prática [docente] que compreenda o desenvolvimento do sujeito numa dimensão histórica, social e cultural, que atenda às suas peculiaridades e respeite as diferenças buscando a superação dos preconceitos e discriminações. (PRUDÊNCIO, 2012, p. 29)

Posso dizer que este trabalho me fez refletir sobre os desafios e as superações enfrentadas pelos professores durante suas trajetórias de vida. Tal superação faz com eles/as construam modos de minimizar os preconceitos com estudantes negros.

2.2 Patwo - Um estilo que lembra os Oni Xangô, filhos do orixá Xangô. São tranças laterais que se unem em uma só no meio da cabeça.

A segunda “trança” apresentada é intitulada: Meu Black vai ficar solto! o (seu) Racismo passa pela (minha) cabeça, (2015) que foi escrita por Laura Oliveira Lima como trabalho de conclusão do Curso de Teatro- Licenciatura do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O trabalho da pesquisadora articula o racismo presente no ambiente escolar e a aceitação do cabelo afro, através de uma oficina desenvolvida, chamada Meu Black vai ficar Solto.

Em seu trabalho LIMA (2015), fala sobre o cabelo afro e a representatividade que ele carrega referente a história opressora, a ancestralidade, a cultura, o “re-conhecimento”, e sinal da luta contra o preconceito, resgatando na memória sua própria história como estudante do ensino fundamental ao médio, fazendo com que o racismo saia de um lugar invisível no ambiente escolar. Através de suas experiências gera a oficina/performance Meu Black vai ficar solto, trazendo ideias de como ela pode ajudar de maneira potente para discussão do racismo em sala de aula. (LIMA, 2015).

A autora, no início do trabalho, aponta alguns aspectos que a levaram a realizar a pesquisa, e como no primeiro trabalho estes também estão ligados as suas memórias como aluna. Segundo Lima:

Ouvi de algumas professoras que deveria alisar os cabelos, pois cabelos crespos pegavam piolhos com mais facilidade, ou que deveria ter mais cuidado com os cabelos, estas falas me faziam acreditar que as duas horas diárias que levava molhando, prendendo e esticando não fossem o suficiente. Além disso, também ouvi de algumas professoras que não deveria dar bola para as ofensas racistas vindas de meus colegas, que muitas delas eram “bobagem”, “inveja” ou “brincadeira”. (LIMA, 2015, p.12).

Refleti que o que incentivava a autora a escrever esse trabalho eram as recordações de seu passado, onde ela vivenciou o racismo e a partir disso se inspirou para a criação da oficina que teve o direcionamento para o público escolar como um todo, e traz uma performance para ser discutida o ano todo, como instrumento de divulgação e constituição de uma escola diferente. Assim para a autora: “Proponho está oficina chamada Meu Black vai ficar solto! Como mais uma ferramenta para a construção de uma escola mais múltipla e menos racista” (LIMA, 2015, p.20).

A autora traz diversos relatos e fotos de diversas fases de sua vida, durante a performance e conta como foi a sua trajetória de “re- conhecimento” diante as negações relacionadas a sua identidade, propondo uma dinâmica de autoconhecimento com as pessoas que participavam da oficina e trazendo questionamentos referentes ao preconceito, enfatizando o assunto cabelo, como ela expressa:

Centrando no cabelo Black como símbolo de resistência, trazendo à tona a experiência de acompanhar de perto as históricas aparentemente comuns e cotidianas relacionadas com a tentativa de domesticação e embranquecimento do cabelo de uma mulher negra, o trabalho propõe dar rosto e textura para uma questão que não é passado, mas presente: o racismo velado. A ideia é permitir que o racismo seja debatido e observado diariamente no ambiente escolar a partir desta ação, encaminhando o empoderamento do público negro presente. (LIMA, 2015, p.21).

A pesquisadora na oficina faz a leitura de um texto onde ela expõe sua vida e as discriminações sofridas por uma sociedade racista e diz que “Minha postura como artista, professora, mulher e pessoa é a de combate diário contra o racismo. Quero ser uma referência positiva para as meninas que, como eu, sofreram e sofrem com o racismo” (LIMA, 2015, p.32). Por fim a autora faz a sua colocação sobre a oficina/performance dizendo que:

[...] demonstrei através da Oficina/Performance Meu Black vai ficar solto!, uma maneira artística poética de se discutir o racismo na comunidade escolar como um todo. Utilizo minha história pessoal como maneira de discutir cenicamente o racismo sofrido em meu período escolar”.(LIMA, 2015, p. 33).

Assim facilitando esse diálogo na comunidade escolar, possibilitando que as pessoas percebam o racismo velado, outras se identifiquem com as situações descritas, e que haja o empoderamento do povo negro, e das crianças negras que a partir do conhecimento de sua história se fortaleçam.

2.3 Koko- penteado básico, que pode ser usado em crianças a partir de uma idade.

A terceira “trança” que apresento é intitulada: E se eles fossem negros? (2015) que foi escrita por Mariane Schwalb Rios como trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia-Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O trabalho da pesquisadora se desenvolve na educação infantil, de forma qualitativa em uma pequena turma, no intuito de ter dados para análise. Selecionando seis alunos do Jardim, de uma escolinha de Porto Alegre, para a aplicação da pesquisa. No qual, RIOS (2015) questiona, o porquê da lei que obriga o ensino da história e culturas afro e indígenas é adotado somente ao Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Assim a autora diz que: “é necessário que sejam utilizados artefatos culturais constantemente e não apenas em datas comemorativas” (RIOS, 2015). Para que se tenha algum efeito na formação e constituição dos sujeitos, já que quando nessa fase de criança estamos começando a nos constituir como ser social e a partir disso ela apresenta essa elaboração que nos conta que: “Este trabalho consiste em uma reflexão em torno de práticas pedagógicas antirracistas realizadas -ou não- com crianças de cinco a seis anos em uma escola de Educação Infantil” RIOS (2015).

A autora aponta os motivos que a inspiram desenvolver essa pesquisa dizendo que:

O interesse pela pesquisa sobre esse assunto não se originou durante os quatro anos de ensino superior. É algo que vem me acompanhando desde criança, quando eu, mesmo pequena já me horrorizava com situações envolvendo adultos e até crianças preconceituosas, em especial, o preconceito com a raça negra. (RIOS, 2015, p.9).

No início de seu trabalho ela conta que a realidade de sua infância foi embranquecida: “Cresci sem brincar com bonecos negros, sem ouvir histórias com personagens principais negros, sem ver a raça negra sendo contemplada junto às crianças, fossem elas brancas ou negras” (RIOS, 2015, p.10).

Nessa perspectiva de analisar a construção do ser referente a raças a autora realiza o problema de pesquisa: “como práticas propositivas tendenciam às representações das crianças em uma turma de Jardim A?” Para responder este problema a autora investiga através das falas e desenhos dessas crianças, “quais reações e percepções as crianças tem ao se deparar com personagens originalmente brancos agora negros” (RIOS, 2015, p.24).

E obteve resultados de espreira das crianças devido à inovação dos personagens, os quais elas estavam acostumadas a vê-los de cor branca, agora negros e diz que: “nesse momento já foi possível perceber a expressão de surpresa e estranhamento das crianças” (RIOS, 2015, p.27). Logo em seguida percebe-se a negação que a sociedade impõe a certos padrões, “quando uma das crianças diz (ela não tá bonita assim) refere-se a cor da boneca, sugerindo então que ela não é bela pelo fato de ser negra” (RIOS, 2015, p.27).

Por fim pode se perceber através dessa pesquisa que o racismo está atrelado a nossa sociedade, nos ambientes escolares, muitas vezes de forma velado, necessitando de práticas como essas apresentadas no trabalho para desenganar e trazer a tona esse assunto, sem causar espanto ou surpresa conforme relata a pesquisadora quando diz que: “as práticas realizadas durante as duas oficinas surtiram efeitos nas representações gráficas das crianças, mas ainda percebemos que, muitas vezes, a questão da pertença étnico – racial está esquecida” (RIOS, 2015, p.34) e diz que a “invisibilidade decorrente da falta de preparação das escolas e dos professores, que não acreditam na necessidade do ensino das variadas culturas, principalmente durante a Educação Infantil (RIOS, 2015, p.34) mostra o descaso das instituições com o assunto.

Portanto, a pesquisadora dá um enfoque para a importância do ensino afro e indígena na educação infantil, e diz que é tão importante quanto o Ensino Fundamental e

Médio, sendo necessário para o empoderamento das crianças negras, trazendo a diversidade cultural para a sala de aula.

2.4 Koroba-Trança -típica da cultura fulan, são tranças bem fininhas e soltas.

A quarta “trança” intitulada: Racismo e a produção de Estereótipos: Impactos na Subjetividade da Criança Negra no Brasil, (2016) que foi escrita por Caroline Damazio da Silva como trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, relata sobre: “o quão forte é a interferência dos estereótipos na vida da pessoa negra. Objetivando discutir principalmente os impactos do uso de estereótipos na subjetividade de crianças negras.” (SILVA, 2016).

O trabalho da pesquisadora é desenvolvido de forma qualitativa e busca pesquisar, publicações da psicologia em revistas científicas, e em sites de organizações que atuam na luta contra o racismo. (SILVA, 2016). Logo no início do trabalho pode-se perceber que a autora recorre as suas memórias e às usa como justificativa para escrever o trabalho, quando relata algumas passagens de ato racista em sua vida como em uma viagem, que seu pai fica inquieto ao ver seus colegas no ônibus contando piadas racistas e diz que: “Foi aí que eu percebi que ser negro era ser diferente, era ser exposto a situações desagradáveis mesmo quando se estava quieto com sua família, fazendo uma viagem” (SILVA, 2016, p.8). Pode-se perceber nesse trecho que o racista é enaltecido e quem sofre o racismo é depreciado, desacreditado, e até parecendo ser culpado do ato.

A partir desse resgate de memórias a pesquisadora busca inspiração para pesquisar material científico que fortifique a história do povo negro e relata que: “os impactos das práticas racistas na saúde da população negra, entretanto apesar de haver produção científica a respeito, as ações implementadas para que se alcancem melhorias na mudança dessa realidade tem pouca efetividade” (SILVA, 2016, p.11). Tornando esse trabalho pouco importante, sendo que o objetivo é comover e sensibilizar as pessoas quanto a formação e interpretação individual das crianças negras. E traz a questão de que “aos estereótipos que lhes são atribuídos. Além disso, a internacionalização deles leva as crianças ao adoecimento psíquico, problemas de relacionamento e baixa autoestima.” (SILVA, 2016, p.12). Silva avalia o papel da escola dizendo que:

[...] nesse processo de constituição do sujeito negro, e o quanto a mesma torna-se um ambiente hostil por não saber lidar com o racismo, dentro dessa reflexão trazendo a lei 10639/03 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro brasileira nas unidades escolares, e as dificuldades quanto sua aplicabilidade. (SILVA, 2016, p.12).

A autora traz todos os fatores que se deram para embranquecimento do povo negro e discute em cima disso decorrer do trabalho, explicando como ocorreu o “estupro” ou a “violação” da cultura negra. Portanto a autora constata que: “Podemos observar que a sociedade brasileira tem um grande desafio pela frente no que diz respeito ao combate ao racismo e seus meios de reprodução”. (SILVA, 2016, p.32). E observa que “a academia ainda não aderiu de forma eficaz uma abordagem nesse sentido”. (SILVA, 2016, p.32). Trazendo esse assunto ábdito, verificando que ainda há muito que se fazer relacionado ao combate ao racismo.

2.5 Suku - Tranças que culminam no topo da cabeça.

A quinta “trança” que apresento é intitulada: A presença do Racismo na Escola Pública: Um olhar para o quinto ano das escolas municipais, Irmã Maria Assunta Vieira e Professora Bernadete Marques de Sousa Ginane, (2016) que foi escrita por Marcos Paulo Galvão como trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia- Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O trabalho do pesquisador relata sobre a existência do racismo no ambiente escolar onde ele diz que: “a partir de uma experiência no estágio supervisionado percebeu-se a necessidade de pesquisar sobre a presença do racismo na escola pública”. (GALVÃO, 2016).

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Irmã Maria Assunta e na Escola Bernadete Ginane onde o autor procurou:

Diagnosticar a natureza e a intensidade do racismo que as crianças de cor negra sofrem por partes dos professores, colegas e funcionários, como também se dá a sua produção e reprodução no cotidiano escolar, através de observações dessas escolas públicas, e da aplicação de questionários aos professores das duas escolas observadas ordenadamente. (GALVÃO, 2016, p.8).

Logo no início do trabalho o (GALVÃO, 2016), aponta os tipos de pesquisas utilizados para o desenvolvimento de seu trabalho e diz que: “inseriu a pesquisa qualitativa na intenção de apresentar uma realidade sobre o tema abordado” (GALVÃO, 2016, p.11). E utilizou ainda a pesquisa quantitativa como forma de auxiliar a qualitativa.

Dessa maneira é exposto em seu trabalho a maneira como se realiza a pesquisa quando se fala que: “Sendo assim, distribuiu-se três questionários com os professores do 5º ano e cinquenta e oito com os alunos também do 5º ano, com perguntas voltadas para a temática trabalhada (GALVÃO, 2016, p.13). O autor aponta em seu trabalho o motivo que o levou a realizá-lo quando diz que:

A escolha da temática surgiu a partir de uma experiência vivenciada pelo pesquisador durante o estágio supervisionado na docência, quando o mesmo percebeu algumas atitudes racistas da docente e de algumas crianças em relação a crianças negras presentes na sala de aula. (GALVÃO, 2016, p.13)

No dar-se de sua pesquisa o autor relata sobre as dificuldades encontradas para aplicação do questionário, e expõe a importância da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história afro para Ensinos Fundamental e Médio, e traz alguns aspectos que marcam a história dos negros, declara também sobre os ambientes de fugas chamados quilombos, os conceitos referentes ao racismo e a educação do afro brasileiro.

Dados alarmantes são representados através de gráficos que mostram que os números de matriculados negros nas escolas são muito poucos, sendo na Escola Municipal Irmã Maria Assunta Vieira, igual a zero e na Escola Bernadete Marques de Souza Ginane é igual a dois, com base nesses dados o pesquisador optou por começar as questões:

Perguntado aos três professores se já tinham ouvido por parte dos alunos algum comentário racista, e se ouviram, de que maneira fizeram a intervenção. Ambos responderam que sim. A professora “A” respondeu, “eu pedi para respeitar o colega e chamar o mesmo pelo nome que tem no registro”. A professora “B” respondeu, “mostrei que devemos respeitar as diferenças e a diversidade cultural”. O professor “C” respondeu, “pedi para parar com aquilo”. (GALVÃO, 2016, p.31).

Com essas respostas ele concluiu que: “Sendo assim, existe uma necessidade urgente de inclusão de novos conteúdos e de novas relações no espaço escolar” (GALVÃO, 2016, p.33). Pois apesar de leis e implementações a escola não está preparada para combater o racismo e abordar sobre o assunto e aponta que:

o objetivo principal foi compreender como essas crianças, que vivem em um contexto fortemente marcado pela exclusão social e racial, se relacionavam se viam e eram percebidas pelas demais crianças, professores e outros adultos no contexto escolar. (GALVÃO, 2016, p.37)

O pesquisador também apresenta através de dados os resultados de seu questionário que apontam que as porcentagens de alunos que se declaram negros é mais

alto que os que não e os dados dos que já sofreram algum preconceito ou receberam algum apelido racista tem uma porcentagem mais baixa dos que já sofreram algum ato racista, porém, pode se perceber que é existente mesmo os dados apontando ser baixo. Possivelmente exista relação dos dados do gráfico quando indica que a porcentagem de racismo é baixa e por isso a porcentagem dos que gostaria de ser negros é alta. Por fim o autor diz que:

O tema do racismo institucional emergiu também com muita força na pesquisa que desenvolvi e, nesse sentido, serve como mais uma pista para compreender as questões relacionadas ao tema das desigualdades sociais e raciais na sociedade brasileira, pois algumas crianças negras que participaram desta pesquisa moravam em contextos violentos e relatavam com tristeza a o preconceito vivido cotidianamente em seus contextos e o impacto, muitas vezes dramático, sobre suas vidas. (GALVÃO, 2016, p.52).

Ler estes trabalhos me ajudou a adensar minha compreensão sobre as discriminações e lutas do povo negro e, isto me deu condições de continuar no desenvolvimento de minha pesquisa. Assim, no próximo capítulo apresento a metodologia utilizada.

3. Percurso Metodológico: modos de fazer pesquisa

A pesquisa que desenvolvo é de caráter qualitativo, pois, de acordo com Maanen (1979) este tipo de metodologia:

Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o

sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. (Maanen, 1979, apud NEVES, 1996, p.1)

Especificamente, para compreender o emaranhado de significados e sentidos que atribuímos ao mundo social, faço uso da técnica de histórias de vida pois realizo entrevistas semi-estruturadas, que permitem a fluidez da conversa e que interagem com o contexto de vida dos entrevistados. Assim, como especificam DALFOVO; LANA; SILVEIRA (2008, p.24), “a pesquisa qualitativa, descreve o enredamento de determinada dificuldade, sendo necessário entender e identificar os processos ativos vividos nos grupos, possibilitando a compreensão dos mais variados indivíduos”.

O caminho percorrido nesta investigação inclui algumas estratégias que, segundo os autores, são apropriadas para produzir e analisar os dados, tais como: entrevistas abertas, observação participante, análise documental, estudos de caso, história de vida, etc. pois pretendo construir:

- a) um foco na interpretação ao invés de na quantificação: geralmente, o pesquisador qualitativo está interessado na interpretação que os próprios participantes tem da situação sob estudo;
- b) ênfase na subjetividade ao invés de na objetividade: aceita-se que a busca de objetividade é um tanto quanto inadequada, já que o foco de interesse é justamente a perspectiva dos participantes;
- c) flexibilidade no processo de conduzir a pesquisa: o pesquisador trabalha com situações complexas que não permite a definição exata e a priori dos caminhos que a pesquisa irá seguir;
- d) orientação para o processo e não para o resultado: a ênfase está no entendimento e não num objetivo pré determinado, como na pesquisa quantitativa;
- e) preocupação com o contexto, no sentido de que o comportamento das pessoas e a situação ligam-se intimamente na formação da experiência;
- f) reconhecimento do impacto do processo de pesquisa sobre a situação de pesquisa: admite-se que o pesquisador exerce influência sobre a situação de pesquisa e é por ela também influenciado. (DALFOVO et alii 2008 apud CASSEL; SYMON, 1994, pp. 127– 129)

O material empírico será discutido no capítulo três e será construído a partir de uma análise densa das entrevistas, das situações contadas pelas participantes da pesquisa e das minhas próprias vivências articulada a temática racismo na educação, pois, para Silva et al. (2007),

o método biográfico divide-se em quatro grandes categorias: história oral, biografia, autobiografia e história de vida. A biografia e a autobiografia visam documentar a história de alguém, contada na 3ª ou 1ª pessoa, prospectivamente, consultando todo o tipo de materiais até conseguir reconstituir o percurso de vida. O método da história de vida, por sua vez, “tem

como principal característica a preocupação com o vínculo entre o investigador e o sujeito” (Silva et al., 2007, p. 29).

As leituras que fiz mostraram que a metodologia designada por Histórias de Vida seriam de suma importância para minha pesquisa, pois me permitiria entrevistar “conversar” com os sujeitos da pesquisa sobre suas vivências, e dentro desse contexto, compreender e, quem sabe, me identificar com alguns assuntos relatados durante a entrevista. De acordo com Vincent de Gaulejac (1996):

As histórias de vida são ferramentas de historicidade que permitem ao sujeito "trabalhar sua vida" ao contá-la, jogar com o tempo da vida. Possibilitam reconstruir o passado restaurando-o e fazendo sua vinculação com a história para reencontrar o "tempo perdido", reabilitando o que havia sido invalidado; possibilitam também ao sujeito sustentar o presente pela história incorporada, pela maneira que ela age sobre ele hoje, compreendendo em que a história é presente nele, o que lhe permite projetar um futuro situando-o em relação a esse passado (GAULEJAC apud NOGUEIRA, ET ALLI, 2017, p. 1)

Assim, as histórias de vida permitem essa conexão entre o passado e o presente e também refletir sobre o futuro. Possibilita aos sujeitos lembrarem coisas do passado que ficaram no passado mas que ecoam no presente estabelecendo assim esse vínculo de tempo e permitindo assim a construção de uma narrativa. Dessa forma, os sujeitos que contam suas histórias não se limitam a serem um “objeto” de pesquisa, pois essa metodologia possibilita o vínculo e até mesmo a identificação entre os envolvidos, trazendo lembranças, sentimentos e sensibilidade ao conversarem. Contudo Ricoeur (1983) diz que "Contamos histórias porque finalmente as vidas humanas necessitam e merecem ser contadas" (RICOEUR, apud NOGUEIRA, ET ALLI, 2017, p. 1). Assim se faz a história e a importância dessa narrativa.

Esse método, que está inserido no modo de pesquisa qualitativo, me permite uma escuta atenta de suas histórias, por meio de várias alternativas de entrevistas não diretas, gravadas ou não. No entanto, nesse momento em que estamos vivenciando uma pandemia, na qual a sociedade enfrenta um vírus chamado covid 19, essas entrevistas não diretas se deram de maneira remota através do aplicativo Zoom, de forma gravada. Foram dois encontros com cada uma das entrevistadas, o primeiro foi basicamente para combinarmos como seriam as entrevistas, o assunto que iríamos debater e o teste para ver se o aplicativo funcionaria de forma a colaborar com o proposto. O segundo encontro com cada entrevistada foi para a realização da entrevista propriamente dita. A duração de cada entrevista girou em torno de 2 horas, tendo em vista alguns percalços como

problemas com a internet, duração de baterias e áudios. No início de cada conversa, pontuei meus objetivos com esta pesquisa e pedi-lhes permissão para utilizar seus relatos. Todas assinaram o Termo de consentimento Livre e Esclarecido, cujo modelo encontra-se anexado neste trabalho. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas para possibilitar uma análise.

Frente a essas narrativas pretendo pontuar/analisar as situações discriminatórias vividas sem expor e identificar os reais personagens e, para isso me inspirei no trabalho da Iara Cristina da Silveira Justin intitulado resistências e (re) existências: “farmacinha comunitária” do vale da solidão-Maquiné/RS (2019), em que ela representa cada entrevistado como um personagem que possui o nome de uma erva que estampa e traduz sua personalidade. Seguindo essa inspiração optei por designar minhas entrevistadas com o nome de mulheres negras que, de alguma forma, representam nossa força e nos inspiram a continuar lutando por nossos espaços na sociedade.

Assim, a primeira participante da Pesquisa será designada por Maria Conceição⁴. Com trinta e três anos e do interior do Estado de Goiás, Conceição Evaristo é Jornalista, formada desde 2013. Filha de pai negro, falecido no seu nascimento e mãe branca, cresceu na periferia em uma família de sete irmãos. Apesar do pouco estudo de seus pais, Maria Conceição afirma que, ela e seus irmãos, sempre estudaram nas melhores escolas, pois sua mãe entendia que uma pessoa só seria salva pela educação. Assim, ela passava noites inteiras nas filas para conseguir matricular seus filhos nas melhores escolas públicas da região.

O esforço de sua mãe foi recompensado quando, aos dezessete anos, Maria Conceição ingressou na faculdade de letras em Anápolis- Goiás na qual obteve seu primeiro diploma. No entanto, ela não quis exercer a docência. Resolveu então fazer o PROUNI no final da faculdade. Aprovada em Jornalismo na PUC, mudou-se para Brasília

⁴ Inspirei-me em Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma notável professora e escritora brasileira contemporânea sendo especialmente ativa nos movimentos pela luta negra. A autora, que publica poemas, ficção e ensaios, nasceu no dia 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha de Joana Josefina Evaristo, Conceição teve pouco contato com o pai, tendo sido criada pela mãe, uma lavadeira, e pelo padrasto (Aníbal Vitorino), que era pedreiro. Em 1973, Conceição Evaristo se mudou para o Rio de Janeiro. Lá se formou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mais tarde, concluiu um mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro defendendo a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996). A seguir fez o doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense tendo defendido a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011). (FUKS, Rebeca, Conceição Evaristo. Escritora, professora e ativista brasileira. ebiografia, 2020. Disponível em: [Biografia de Conceição Evaristo - eBiografia](#) Acesso em: 10/01/2021

com apenas vinte anos. Conseguiu uma bolsa integral que custeava seus estudos e trabalhava em uma loja a fim de manter-se na cidade. Maria Conceição formou-se então em Jornalismo no ano de 2013 e atualmente trabalha como colunista no Jornal local da cidade onde reside.

Outra participante é designada por Maria Rita⁵. Com vinte e oito anos e do sul do Brasil, mais especificamente de Caxias do Sul- RS, cresceu na periferia. Filha mais nova de 5 irmãos, sendo 3 irmãs por parte de mãe e 2 irmãos por parte de pai, Maria Rita entrou no ambiente educacional no final da década de 90. Seus pais queriam que ela estudasse em escolas melhores e por esse motivo ela acaba indo estudar em uma escola Estadual mais distante de sua casa, tornando a sua ida até a escola mais complicada. Maria Rita estudou todo o seu ensino fundamental e médio em escolas municipais, estaduais e públicas. Mesmo com todos os desafios, Maria Rita formou-se em Licenciatura em História desde o ano de 2015 pela Universidade de Caxias do Sul e sua entrada no ensino superior ocorreu pela utilização das vagas de cotas raciais. Maria Rita foi integrante do movimento estudantil durante a sua graduação. No período de 2016 para 2017 criou o coletivo de mulheres negras juntamente com outras mulheres negras, intitulado criadoras negras. Em 2018 ela ingressou, graças a uma bolsa de estudos, no Mestrado de uma Universidade Privada. Neste ano ela concluiu seus estudos obtendo o diploma de Mestre em História.

A última participante é designada por Sojourner Truth⁶. Com trinta anos e também nascida e residente de Caxias do Sul- RS, filha de mãe negra e pai negro, cresceu na periferia, sendo a filha do meio. Sojourner Truth entrou no ambiente educacional nos anos 90 e sempre estudou em escolas públicas. Se formou Bacharel em Ciências Contábeis no ano de 2016 e finalizou a sua segunda formação (ou formação complementar) com o curso de Formação pedagógica em 2020/1 ambos pela Universidade de Caxias do Sul. Seus

⁵ Inspiração advinda de Maria Rita, viveu no século XIX, nos anos de 1850 em uma condição escravizada. No entanto, sua condição serviu de inspiração, para muitas mulheres da época começarem a modificar seus pensamentos. Enfrentou o mundo, na condição de escrava e foi ao tribunal confrontar com o “seu senhor” e exigir direitos que na época nem existiam. A escrava Maria Rita fugiu da fazenda do seu proprietário em Ponte Alta, alegando maus tratos. Ao chegar em Uberaba, ela procurou o 5 padre solicitando-lhe ajuda, porém, o pároco escreveu uma carta destinada ao Barão de Ponte Alta, intercedendo pela escrava. Ao retornar para a propriedade, a escrava teve a carta destruída. Maria Rita foi uma escrava em fuga que lutou até o fim por sua liberdade e de suas filhas e enfrentou tudo e a todos para isso. (SOUZA, 2013)

⁶ Sojourner Truth, (1797 – 26 de novembro de 1883) foi o nome adotado, a partir de 1843, por Isabella Baumfree, uma abolicionista afro-americana e ativista dos direitos da mulher. Truth nasceu no cativoiro em Swartekill, Nova York. Seu discurso mais conhecido, “Não sou uma mulher?”, foi pronunciado em 1851, na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio. MOURA, Carlos. Afro-americanos. Mulher Negra. Portal Geledés, 2009. Disponível em: [Sojourner Truth - Geledés \(geledes.org.br\)](http://Sojourner Truth - Geledés (geledes.org.br) . Acesso em 22/12/2020) . Acesso em 22/12/2020

pais sempre batalharam muito para que Sojourner Truth e suas irmãs tivessem uma formação, seu pai formado em Engenharia Química e trabalhando no ramo sempre incentivou as filhas a estudarem o que aconteceu com sucesso, pois hoje além de duas formações ela trabalha como analista contábil.

Elucidado o percurso metodológico e apresentadas as entrevistadas passo a apresentar, no próximo capítulo os resultados que produzi a partir da análise que fiz das narrativas que foram produzidas pelas mulheres.

4. Entre discriminações, exclusões e resistências: narrativas negras

Este capítulo tem por objetivo analisar as narrativas das três mulheres negras que entrevistei. Nas conversas que tive com elas, meu objetivo era responder o seguinte problema de pesquisa: **Estudantes negras, em seus percursos educacionais formais, enfrentam situações de discriminações étnico-raciais? Que situações são essas?**

De maneira geral, é possível afirmar que todas sofreram algum tipo de discriminação ao longo de suas trajetórias educacionais. No entanto, percebi, por

intermédio das entrevistas que havia gradientes, níveis diferenciados de exclusão. E isso era reflexo da cor de suas peles. Assim, inicio minha análise a partir deste resultado de pesquisa.

4.1 A TONALIDADE DE PELE NEGRA: GRADIENTES DE EXCLUSÕES

Ser uma negra com pele mais clara pareceu-me ser um facilitador em um “universo branco” como afirmou Maria Conceição. Segundo ela:

Meus irmãos são todos mais retintos do que eu, eu tenho todos os traços negróides, mas tenho uma pele mais clara o que me deu muito mais passibilidade dentro do universo branco, tipo você não! você não é negra! Imagina! Eu passei a vida toda escutando isso, só que também não era branca porque eles não me viam como branca, como você até determinado momento você se vê pelo olhar do outro [...] era, sempre foi muito confuso, mas eu sabia que eu não era branca porque meus irmãos não eram brancos, meus irmãos eram negros e ainda retintos.

A diferença de tom de pele a fazia ser concebida, por sua família, como um troféu. Todos sabiam que tal diferença lhe daria mais oportunidades, pois a discriminação racial, “é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados” (ALMEIDA, 2018, p.25). Assim, a falta de uma identificação direta, visto que a cor da pele era mais clara, “*Você não é negra, Imagina!*” a “livraria” de certas exclusões. Maria Conceição conta que:

[...] e eu sempre vendo a minha irmã, minha irmã era a Célia que era minha irmã-mãe porque ela me criou, porque minha mãe trabalhava em não sei quantos empregos. Foi essa irmã que me alfabetizou inclusive, minha irmã ela é uma mulher negra, visualmente negra, ela tem todo o combo sabe?!?! E eu passei a vida inteira vendo essa pessoa que era que eu mais amava no mundo, sendo chamada de preta, feia, beijuda e coisas horrendas assim, e eu pra mim não tinha uma mulher mais linda que ela. Quando eu olhava para a minha irmã e ela era muito linda, inclusive muito mais que eu assim, tipo dentro de um padrão do que é uma mulher bonita. Ela tá anos luz de mim assim, e eu falava tipo, como é que ela pode ser feia, preta beijuda? qual o problema sabe? Não encaixava na minha cabeça. Maria Conceição.

As situações vivenciadas por sua irmã, os adjetivos a ela atribuídos, como feia, beijuda, preta, ocorrem porque, segundo Munanga (2003, p. 17)

Os indivíduos da “raça branca” foram decretados coletivamente superiores ao da raça “negra” e “amarela” em função de suas

características físicas hereditária, tais como cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc., que segundo pensavam os tornavam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra, mais escura do todas e conseqüente considerada como a mais estúpida, a mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação.

Dessa forma, são os atributos corporais, suas formas e cores que produzem gradientes de exclusão em uma relação diretamente proporcional, ou seja, quanto mais escura a pele mais situações de discriminação serão experimentadas. Dito de outro modo, aspectos biológicos ainda parecem ser definidores do lugar a ser ocupado pelo indivíduo em nossa sociedade. Como afirma Valente (1996, p. 26)

Durante a escravidão surgiu uma série de estigmas associados a cor negra, a diferença de pigmentação da pele tornou-se, entre os negros, um elemento distintivo da posição social. Por isso, particularmente entre os escravos domésticos, desenvolveu-se um desejo de branqueamento. Os negros de pele mais clara e aqueles que se afastavam dos valores africanos, assimilando os de seus senhores, viam no branqueamento o único meio de subir na escala social e chegar em postos que lhe conferiam maior segurança, prestígio e liberdade.

Assim, percebe-se o quanto o branqueamento, a pele mais clara, configura-se em meio de alcançar um lugar mais digno desde tempos mais remotos. Interessante notar o quanto esta representação persiste na atualidade, causando discriminações e sofrimentos. A seguir passo a apresentar, de forma mais específica as exclusões e discriminações vivenciadas, por minhas entrevistadas, durante o percurso educacional formal.

4.2 DISCRIMINAÇÕES E EXCLUSÕES– a trajetória educacional formal

4.2.1 SITUAÇÕES NA ESCOLA – A INVISIBILIDADE E A NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO

Ao findar as entrevistas e passar a transcrição das mesmas observei que as discriminações enfrentadas pelas mulheres entrevistadas ocorriam de forma bastante sutil. Isso não significa dizer que elas não sofreram preconceitos de forma direta e aberta. No entanto, todas se referiram às micro-exclusões, aquelas que são notadas de forma direta e, muitas vezes, passam despercebidas por quem não as vive. Assim, uma das situações citadas pelas entrevistadas diz respeito à falta de elogio durante o período escolar. Trata-

se de uma “invisibilidade”, por mais que haja o esforço e a dedicação aos estudos por parte delas.

A primeira coisa é a construção da auto estima, sabe?!?! porque você não é uma criança bonita, uma criança elogiada, nunca!! E mesmo que você seja, tipo eu sempre fui uma criança que por ter um desenvolvimento em casa, muita gente amparando essa criança que eu era, eu sempre fui uma criança dotada de bastante inteligência, expertise, muito falante”. [...]tipo a gente se forma a partir da palavra do outro, do olhar do outro né, enquanto ser assim, quando você é uma criança e é muito complexo você nunca se achar bonita porque ninguém nunca te elogiou, sabe?!?! e você é super inteligente, tipo uma criança super inteligente, esforçada, e você acaba se esforçando muito mais pra ver se pelo amor de Deus alguém te elogia, alguém te diga você é especial, porque você passa por esse processo de invisibilidade né!!!. Maria Conceição.

Pelas palavras de Maria Conceição, percebe-se a invisibilização da criança negra no ambiente escolar, quando ela diz que “*você acaba se esforçando muito mais pra ver se pelo amor de Deus alguém te elogia*”. Isso independe se essa criança é inteligente, competente e dotada de espertezas. Segundo elas, a estudante negra sempre será uma criança desamparada, carente de atenção, por não se adequar aos padrões impostos por uma sociedade branca. Ademais, ela não reconhece em seus professores, pois a maioria é branca. Conforme relata Gomes (1995, p.118):

[...] a criança [negra] se depara com um determinado tipo de ausência que a acompanhará até o curso superior (para aqueles que conseguem romper com a estrutura racista da sociedade e chegam até a universidade): a quase total inexistência de professoras e professores negros. A criança negra se depara com uma cultura baseada em padrões brancos. Não se vê nos livros didáticos, nos cartazes espalhados pela escola e na escolha para encenar números nas festinhas. Onde quer que seja, a referência da criança e da família feliz é branca. Os estereótipos com os quais ela tem contato no seu círculo de amizades e na vizinhança são mais acentuados na escola, e mais cruéis. (GOMES, 1995, p.118)

Assim, não se identificar em livros, não ser escolhida para “encenar nas festinhas” ou não ser escolhida para trabalhos em grupo, faz parte do cotidiano de inúmeras crianças negras, ou seja, a criança negra é invisibilizada no ambiente escolar, não reconhecida pelos seus méritos e imposta a um ambiente estruturalmente branco que não as valorizam. Percebe-se que essa situação é recorrente. Maria Rita refere-se a essa invisibilidade afirmando:

Eu percebia essa potencialidade em mim, só que isso não era visto nem pelos professores, nem pelos colegas, e com certeza isso é fruto dessa

invisibilização né, de existência, porque invisibiliza uma existência no processo de educação, então esse meu lugar só mudou quando fui fazer história. Maria Rita

Apesar de Maria Rita ter “*essa potencialidade*” as pessoas inseridas no ambiente escolar, professores e colegas, não conseguiram enxergar suas qualidades, devido a sua inviabilização. Isso só se modificou quando ela entrou para o curso de história, onde ela pode estudar e compreender a construção e identidade da cultura negra e perceber que apesar de todas modificações na educação esse espaço, ainda reproduz opressão. Conforme Fonseca (2007, p.5):

Essa transformação que vem caracterizando a historiografia mais recente ainda não foi absorvida pela história da educação que, apesar de ter modificado significativamente seus padrões de análise, continua a conviver com uma visão tradicionalmente construída sobre a população negra. Isso pode ser constatado a partir da forma como a história da educação tratou a relação entre os negros e a escola, que, em geral, é concebida como um espaço onde a presença deles é considerada praticamente nula, ou algo esporádico e casual. (FONSECA, 2007, p.5)

Frente à isso, percebo o quanto o ambiente escolar pode ser hostil e opressor, fazendo com que o estudante negro não se reconheça pertencente aquele lugar. Assim, sua presença torna-se duvidosa, pois suas qualidades foram diminuídas e suas características foram associadas ao que é feio. Isso, talvez contribua com o desinteresse dos alunos negros pelos estudos, como se pode observar na fala de Sojourner Truth, contando nunca ter visto ou sentido que as crianças negras são lindas.

“Nunca vi as crianças negras naquele tempo serem consideradas bonitas, as bonitas eram sempre as crianças loirinhas de cabelo liso”.
Sojourner Truth

Percebe-se aqui que se faz necessária uma revisão dos comportamentos reproduzidos na escola, para que os estudantes negros tenham seu esforço reconhecido, elogiado e valorizado. Para isso Fonseca (2007, p.44) diz que “[...] podemos dizer que há a necessidade de rever as posturas que têm conduzido as pesquisas em história da educação e que é necessário uma atitude mais contundente no sentido de retirar a invisibilidade que vem tradicionalmente marcando os negros.” Essa invisibilidade me levou a construir uma outra análise que passo a descrever no próximo item.

4.2.2 SENTIMENTOS, PERCEPÇÕES E RESISTÊNCIAS EM UMA ESCOLA DE MAIORIA BRANCA

Maria Conceição conta que “*sentia um desconforto*”, algo como uma inadequação no ambiente escolar. Sentia-se menor, por esses espaços serem, em sua quase totalidade, brancos, isso a fazia questionar todas suas qualidades e características.

Eu sentia um desconforto, uma não adequação, me sentia feia e impotente, me sentia menor, o tempo todo, esse sentimento é um sentimento que me, tipo, que ele me acompanhou durante toda vida, esse sentimento de ser feia, menor, uma pessoa com menor valor mesmo sabe? Sempre questionei todas as minhas qualidades, todas as minhas características, sempre questionei tudo, sempre invalidei, sempre. Tem uma síndrome que eles chamam de a síndrome do impostor, que você não se dá os créditos para aquilo que você fez, e isso foi a vida inteira assim, como se eu não merecesse nada de bom que viesse pra mim, sempre esse sentimento, que tipo era o comum, era o normal aquele sentimento.

Quando Maria Conceição relata que sentia “*uma não adequação*” no espaço escolar, que se sentia inferior, não validada, ela nos apresenta uma realidade que sugere um não acolhedor. Parece não existir uma identificação entre a cultura escolar e as culturas que não estejam alicerçadas em um modelo branco e eurocêntrico. Nesse sentido, concordo com Gomes, quando afirma que a escola deve “[...] repensar as discontinuidades entre a escola e a família negra, sua cultura, suas ancestralidades, sua identidade étnica. Quando essas discontinuidades e rupturas afetam de maneira tão determinante um grupo, social, étnico e cultural, nosso processo educativo está deixando de cumprir sua função humanizadora. (GOMES, 1995, p.21)

Nesta mesma direção, Maria Rita que estudou o ensino fundamental em um colégio municipal, em um bairro de periferia, percebia o silenciamento dos professores sobre situações que envolviam racismo, diferenças de gênero, entre outros. Comenta que havia uma data que a incomodava muito, fazendo com que ela se sentisse mais deslocada naquele lugar.

Sempre me incomodava muito a data né, o 13 de maio, porque eu lembro muito que a gente ia pra aula do conto com a professora Maria Aparecida eu lembro até hoje o nome dela, uma mulher branca, olhos azuis, tinha uma voz bem fininha. Era profe da hora do conto, e aí lá ela dava um desenho pra gente pintar que todos os anos era o mesmo, era um desenho de um bonequinho que tava amarrado numa árvore se libertando, tipo ele estava rompendo as correntes dele, e ainda aquela narrativa da princesa Isabel. Então isso me incomodava muito né, porque ali você estava sendo colocado como alguém acorrentado e era só isso, tipo ela só dava aquele desenho pra gente pintar. E nós negros sempre fomos a minoria né e tipo eu não falava sobre isso, porque é muito difícil pra uma criança falar sobre isso, mas aquilo me causava um extremo desconforto, porque era o olhar dos outros sobre mim, porque eu estava sendo representada naquele desenho, daquela forma

e aquele era o único momento em que pessoas negras eram retratadas e em nenhum outro momento!

Demarcar uma única data para “problematizar” a condição do negro na sociedade faz da escola um “espaço privilegiado da população branca que pouco tem contribuído para desmistificar a generalização responsável pela associação do negro com o escravo. (FONSECA, 2007, P.31)

Ao ir para o ensino médio Maria Rita teve que trocar de escola, e seus pais quiseram colocá-la na escola estadual mais bem conceituada da cidade. Porém sua adequação a escola não foi fácil, devido a sua classe social e, obviamente, a cor de sua pele. Para ser aceita, Maria Rita conta que precisava ir muito bem nos trabalhos e tirar notas altas. Se não fosse por isso, como ela mesma expõe, “daí não seria nada”.

Quando eu fiz meu ensino médio isso era muito forte no Santa ainda, eu acho que talvez agora não seja mais tanto, mas na época que eu fiz isso era muito forte, então aí rolou uma intersecção né, porque eu sai do bairro que era daqui de periferia, que é o Pioneiro onde existia essa divisão né, por raça muito forte, mas aí quando eu vou pro Santa isso se soma a questão da classe também, sabe eu não tinha nada, meu universo não era um universo compartilhado com o universo deles. Então não existia diálogo assim, e foi muito difícil assim, foi um processo bem difícil pra mim, e aí são coisas que não são nomeadas, que não são faladas, que então obviamente eu não falava sobre isso, mas eu não tinha amigos, sabe? E me sentia de fato excluída assim naquela escola, e aí de novo os únicos momentos que eu conseguia me sobressair ou ser vista era porque eu sempre tirava as notas altas, sempre me saia bem nos trabalhos, era nesse sentido, mas era só por isso, se não tivesse isso daí não seria nada. Maria Rita

A necessidade de ser a “melhor” da sala, de esforçar-se além dos limites, também foi relatado pelas outras entrevistadas. Maria Conceição expressou sua indignação com as cobranças e a necessidade de ser a mais dedicada, a mais esforçada para que fosse possível certo reconhecimento, que as vezes, não ocorria.

[...]quando você é uma criança e é muito complexo você nunca se achar bonita porque ninguém nunca te elogiou, sabe?!?! e você é super inteligente, tipo uma criança super inteligente, esforçada, e você acaba se esforçando muito mais pra ver se pelo amor de Deus alguém te elogia, alguém te diga você é especial, porque você passa por esse processo de invisibilidade né!!!.

A partir dessa fala, Maria Conceição deixa claro o quanto dói essa falta de credibilidade, de confiança, de acreditar nas pessoas negras e o quanto o povo negro necessita se esforçar para tentar adquirir certa visibilidade. Ribeiro (2017) afirma que:

Tirar essas pautas da invisibilidade e um olhar interseccional mostram-se muito importante para que fuçamos de análises simplistas ou pra se romper com essa tentação de universalidade que exclui. A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando as pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida. (Ibidem, 2017, p.43)

Maria Conceição continua afirmando que

[...] tu passa a vida inteira correndo igual a uma louca tentando compensar sabe Deus o quê? E isso é uma coisa que todas nós mulheres negras, em todas as cores possíveis da negritude podem falar a mesma coisa, a gente passa a vida inteira compensando sei lá o quê, se você perguntar o que que é a gente não sabe explicar. A gente tá carregando a pirâmide!!. Maria Conceição

Nesta mesma perspectiva, Maria Rita menciona que se sentia excluída e conta que só se destacava porque fazia tudo certo. Essa era a sua notoriedade, porém nunca foi popular na escola.

Sempre fui excluída, eu só me destacava em algum momento porque eu sempre fui aquela que me destaquei porque eu fazia tudo né, fazia tudo certo, era super inteligente, então esse era o meu destaque assim né, mas nunca fui por exemplo vista como bonita, nunca fui a popular, nunca fui aquela que teve vários melhores amigos. [...]Por exemplo na minha turma de ensino médio só três alunos passaram em química né, e eu fui uma das três alunas que passaram em química no terceiro ano, então acho que as pessoas só sabiam meu nome por causa disso, senão elas não saberiam e aí a questão não era só a cor, era também a classe que aí andam juntas né, não tem como a gente fazer uma diferenciação porque se constroem significados únicos a partir desses dois marcadores né, e os colegas eram muito racistas, nossa, extremamente racistas.

O que pude analisar nas entrevistas com Maria Rita é que ela só era valorizada na hora de fazer trabalhos, pois alguns colegas a escolhiam devido a sua inteligência. Se Maria Rita não fosse esforçada, inteligente, ela nada seria e nada teria, naquele ambiente. Podemos perceber que para diversos negros a solução para que não falte nada e para que possam se destacar é se afirmando nos estudos, pois suas características físicas e sua cultura pouco valem nesses ambientes. Prudêncio (2012, P.10), ao referir-se a sua trajetória educacional relatou que:

Quando eu tinha 5 anos meus pais me ensinaram a escrever meu nome e a reconhecer os números na sequência de um a dez. Eles sempre diziam que eu tinha que prestar atenção em tudo o que me ensinassem, que eu tinha que estudar muito para ter um futuro bom e para que não

me faltasse nada. [...]Me dedicava muito aos estudos, pois meus pais estavam sempre me cobrando e me incentivando para estudar. Meus colegas me respeitavam porque eu era “inteligente” e “boa aluna” e sempre queriam fazer trabalhos comigo (PRUDÊNCIO, 2012, p.10-11)

Sojourner Truth vai nesta mesma direção ao afirmar que o negro precisa se destacar, precisa se esforçar e ainda assim o sucesso é duvidoso.

De fato quando chega na hora do negro sempre tem que ser melhor pra conseguir as coisas”. Sojourner Truth

Com essa premissa, quando uma mulher negra como Sojourner Truth, que se diz formada e ocupando um cargo pelo qual ela optou e teve formação para tal, onde nessa empresa ela é a única negra, pode se dizer que ela conseguiu superar muitos obstáculos se esforçando bastante, pois “existem muitos obstáculos para os negros e que, para conseguir um bom trabalho, eles têm de se esforçar o dobro” (Afro-Brasileiros, 2000, p.85).

Diante desses relatos podemos observar que a escola, além de não ser um ambiente acolhedor para as mulheres que entrevistei, visto não terem nem “amigos”, não conseguem valorizar, dar visibilidade a outros modos de existir. E quando o fazem, parecem rebaixá-los e diminuí-los, mesmo que não seja essa a intenção. Assim, “no espaço escolar se cruzam visões diferenciadas, imaginários sociais preconceituosos sobre os gêneros, as classes, as raças, as culturas. Para uns a escola é uma trajetória de continuidades com outras vivências, para outros, a mulher, o negro, o pobre, uma trajetória de descontinuidades. (GOMES, 1995, p.20). Assim, o esforço e a dedicação à escola fez parte da trajetória das entrevistadas. Mesmo assim, ainda se percebe uma diferença muito grande na quantidade de estudantes negros e estudantes brancos.

Acho que a gente percebe a exclusão quando numa turma em média de 60 alunos tem ou só eu, ou não mais que três alunos negros”. Sojourner Truth

A predominância de pessoas brancas, tornando esse um ambiente branco, comprova que a desigualdade ainda existente no que se refere ao acesso à educação por estudantes negros. Isso corrobora no entendimento de que

A escola não é de fato um espaço de igualdade, não apenas nos conteúdos e na materialidade, mas sobretudo nas vivências de seu percurso. A pesquisa nos oferece um quadro bem distante da visão idílica da escola como campo neutro, sem cor, nem sexo, sem classe, sem diferenças culturais. “É preciso ter raça”, nos lembra Milton Nascimento em Maria, Maria. Diríamos: é preciso reconhecer que nossa escola tem raça, tem gênero. (GOMES, 1995, p.20)

Sim, me parece que a escola ainda têm certos balizadores de raça, etnia e sexualidade, entre outros. Isso fica demarcado na próxima análise que faço e que diz respeito as marcas e os estilos que fogem do padrão estabelecido.

4.2.3 DISCRIMINAÇÕES: OS ASPECTOS FÍSICOS

Maria Conceição nos conta de um episódio na escola onde ela estudava e que gerou sofrimento e constrangimentos. Segundo ela, houve uma infestação de piolhos e todos os alunos pegaram, mas somente ela foi taxada de piolhenta ao longo de todo o ano escolar. Ela ficou marcada como se o cabelo dela fosse a causa de toda a infestação. Como ela mesma diz, “como se o meu cabelo fosse sujo” ou ainda “como se eu fosse uma pessoa suja”.

Eu lembro, teve uma situação que me marcou de uma forma traumática assim, ali nos primeiros anos da escola, toda criança pega piolho né?! e eu peguei piolho, como toda criança pega piolho, só que por eu ter um cabelo crespo e o meu cabelo não é só crespo, ele é um puta cabelo crespo!! grandão!! sabe? muito cabelo, e aí eu lembro que um amiguinho da escola apontou que eu tava com piolho e lêndead talvez não sei e eu fui chamada de piolhenta durante o ano todo por uma infestação de piolhos que teve e que todo mundo tem, sabe?! Isso me marcou de uma forma traumatizante assim óh. Mas é tudo isso, é essa construção da auto estima que você não tem e aí você passa por um ano desses e aí você vai piorando muito. Maria Conceição

Sojourner Truth também comenta a questão do cabelo afirmando que:

Sobre minha trajetória na escola, me lembro que os comentários sobre cabelo sempre eram de Bombril, se não tá preso tá armado, essas piadinhas”.Sojourner Truth

Na discussão feita por Lima (2015), identifico que essa situação, pela qual Maria Conceição passou, não é um caso isolado. Isso se repete com outros estudantes negros, pois “uma mulher negra nascida nos anos 90 somente com muito esforço acaba entendendo o seu cabelo como algo bonito. É com ainda maior dificuldade que percebemos o “cabelo afro” como possível empoderamento, já que esse cabelo, quando não alisado, era visto como sinal de desleixo, descuido ou falta de higiene. (Ibidem, 2015, p..8)

No entanto, Maria Rita ao não ceder aos padrões da sociedade branca, reflete sobre como era o seu tempo de escola, e conta, que suas colegas “*eram todas mais ou menos*

iguais assim, havia uma plastificação”. As meninas faziam um esforço para se encaixar em um modelo e os cabelos eram todos parecidos no tamanho, na cor e no estilo.

Eu nunca alisei o meu cabelo né, meu cabelo sempre foi crespo, mas eu não usava ele solto assim, eu usava ele preso, então o meu era assim né, mas como é que eram as meninas, era aquele cabelo alisado né, aquelas que não tinham cabelo liso, alisavam, cabelo comprido até a bunda e eram todas mais ou menos iguais assim, havia uma plastificação assim da coisa, que eu acho que é algo que agora quando eu passo pelas escolas de ensino médio, isso eu acho que melhorou porque a gente percebe que ali está colocado muito mais a identidade de quem são aquelas pessoas mesmo, é algo que ainda é muito recente, e era dessa forma, não tinha uma diferenciação, e eu lembro que várias meninas que tinham o cabelo crespo, alisavam”. Maria Rita

Maria Rita e Sojourner Truth reforçam que, na época delas, a estética do cabelo negro ainda era muito julgada. Apesar de elas não alisarem os cabelos os mantinham presos, pois o cabelo faz parte da aparência e como podemos notar nas falas, o negro necessita estar sempre bem apresentado, para aí, talvez causar uma “boa impressão”. No entanto, as piadinhas na época eram recorrentes, indesejáveis e inevitáveis, e nada era feito com os colegas que gracejavam. Seus professores pareciam crer que tudo não passava de brincadeira de criança. Para Prudêncio, pesquisadora negra, essa realidade não era muito diferente e a preocupação de manter os cabelos presos também não.

Minha mãe sempre teve a preocupação de cuidar da minha aparência: eu ia à escola com o cabelo trançado e roupas bem bonitas. Meu cabelo é bem crespo, gosto dele. Quando minha mãe não fazia as tranças eu usava “amarrado”, pois ele é volumoso. (PRUDÊNCIO, 2012, p.11)

O que se pode perceber nas entrevistas e no referencial estudado é que apesar do cabelo afro ter sido e, muitas vezes ainda é, motivo de piadas, discriminação, situações traumáticas, e taxações, tal condição vem passando por um processo de empoderamento e de representatividade para os negros. Isso tem tornado possível o movimento de soltar os crespos com orgulho e satisfação. A seguir apresento algumas situações vivenciadas, por minhas entrevistadas, durante o percurso universitário.

4.2.4 - SITUAÇÕES NA UNIVERSIDADE- OS DESAFIOS SE MULTIPLICAM

Agora passo a apresentar, de forma mais específica, as exclusões vivenciadas por minhas entrevistadas, durante suas graduações. Maria Conceição fala que fez seu curso em uma faculdade que, apesar de ser “muito branca”, ela observou a presença de alguns professores negros. Especificamente, ela se refere a um professor negro de filosofia, que era muito duro com elas, estudantes negras e conta chateada que ele não “aliviou” para ela jamais.

Inclusive tinha um professor de filosofia [...] ele era negro retinto também né, e ele era muito duro com a gente em especial, e aí um dia eu falei pô o quê é que tá rolando? E ele falou, tu acha que eu vou amaciar pra vocês? Vocês vão ter que continuar correndo E ele falou isso e deu as costas, e saiu, e me fez fazer recuperação. Ele falou eu não vou amaciar pra você, você vai ter que ser melhor, sabe? Ele falou isso e eu entendi, eu estava querendo privilégios, e ele falou pra mim, você não vai ter hoje e possivelmente nunca, é melhor você fazer recuperação sim, e aí eu fiz a recuperação, estudei igual a uma louca e fiz e consegui tirar uma ótima nota e passei”. Maria Conceição

Pode-se perceber que apesar de a universidade possuir professores negros, Maria Conceição ainda assim, considera a faculdade um ambiente branco e ao encontrar um professor negro acreditou que seria mais fácil, pois achava que ele entenderia sua situação e talvez “aliviasse” para ela. Dito de outro modo. O desafio de ser “a” melhor, vivenciado ao longo de todo o Ensino Fundamental não daria tréguas!

Eu acordava às 5 da manhã, estudava, estudava, estudava, ia trabalhar, voltava, estudava, estudava, estudava, final de semana saía com os colegas, mas durante a semana eu não tinha uma vida, eu dormia muito pouco, tava sempre tensa porque eu sabia das condições, eu sabia que eu tava muito, muitos passos atrás, é aquele negócio da meritocracia, muito fácil você falar que por mérito, mas não é humano eu ter passado pelo que eu passei pra conseguir vaga pra poder estudar. Porque meu Deus do céu, chegou uma época que eu tava vomitando sangue de gastrite e desmaiando na rua por causa da hipoglicemia, por favor gente!!né? Por favor, porque eu tinha que trabalhar, estudar e ainda passar nessa merda, e mal tinha dinheiro pra me alimentar, mal tinha dinheiro pra comprar livro, sabe?! Não existe isso, isso não é justo!

Fica evidenciado nesta fala que mais um desafio deverá ser superado, Além de ser “a melhor” teria de encarar o desafio que foi se manter na universidade, constatando assim que não bastava passar no vestibular, pois o esforço seria descomunal para habitar um espaço que, historicamente, excluiu a população negra. Vanstreels (2014,) explica:

Historicamente, ainda, sabe-se que determinados grupos étnicos têm dificuldades em ingressar e permanecer na educação superior, onde são largamente sub-representados pretos, pardos e indígenas. Tal se dá por razões históricas, relacionadas ao nascimento e desenvolvimento do Brasil. Para que estes estudantes tenham acesso às universidades, é

preciso que se construam políticas públicas específicas. (Ibidem, 2014, p. 24)

Transfiro aqui a reflexão trazida por Marques (2018), do porquê os ambientes universitários são de predominância branca, principalmente em cargos majoritários, fazendo necessário que o negro se esforce muito mais na academia, independente da identificação com alguns professores.

Essa realidade presente na sociedade reflete na universidade, pois são poucos os negros na docência, em pró-reitorias ou como servidores administrativos. Nesse contexto, evidencia-se mais um desafio para os acadêmicos negros fortalecerem sua identidade, se em suas vivências o referencial de posições em destaque permanece sendo majoritariamente branco. (MARQUES, 2018, p.18)

Mesmo com todos os desafios, Maria Rita foi além da graduação e relata que, inclusive no mestrado, aconteceu uma situação da qual ela se sentiu incomodada e diz “*eu senti racismo vindo de um professor*”, que não hesitou ao fazer perguntas a ela referente à sua aparência.

No mestrado teve um episódio que eu senti racismo vindo de um professor. Era uma disciplina chamada história decolonial, não lembro se era esse o nome, mas era uma história deocolonial, eu exatamente peguei a disciplina por causa disso, porque era um professor extremamente machista, extremamente machista e racista, e um dia ele me perguntou se eu tinha aderido à moda do turbante, então durante o mestrado teve esse episódio.

Percebe-se aqui preconceito vindo de um professor. Sua falta de sensibilidade e despreparo passa a oprimir pessoas negras na sala de aula, exatamente em um conteúdo que o objetivo talvez fosse o de problematizar os efeitos da colonização negra e “mostrar como certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas.” (RIBEIRO, 2017, p.28). O que se pode perceber a partir dessa situação é o descaso com a cultura do outro e que, ao ofuscá-la, banalizá-la infere qual deve ser realmente exaltada e inquestionada.

Ressalta-se aqui que, no Brasil, o mito da democracia racial que prega a igualdade entre todos não é bem assim, uma vez que exalta somente a cultura europeia e inferioriza as demais, inclusive a cultura negra. Nota-se que a ideologia do branqueamento influenciou a construção da identidade do povo brasileiro, negando a existência da herança de outros povos, principalmente do africano, na composição dessa identidade. Quando mencionado, esse povo aparece de forma folclorizada ou estereotipada. (MARQUES, 2018, p.11)

Maria Rita ainda relata sobre a chegada de um colega negro no mestrado, de como ela se sentiu, tendo em vista que ela era a única negra até então, a ocupar aquele espaço.

Quando o Vitor entra então no mestrado pra mim foi um grande alívio né, porque daí eu já tinha passado por esse processo de construir identidade né, como mulher negra, e aí são construções de identidades diferentes eu acho, porque primeiro a gente constrói identidade como negro no contato com o racismo né, que a gente acha muitas vezes que não vive, mas a gente compreende né, enfim eu sempre compreendi os lugares sociais a partir desse marcador, mesmo quando eu não sabia explicar desse jeito assim. [...] Então quando eu estou no mestrado e o Vitor que é esse meu colega, entra na sala de aula, um homem negro, né depois de eu estar a 1 semestre na universidade, naquela posição que pra mim era muito ruim, porque a gente não quer se ver sozinha, não quer esse peso todo em cima da gente, pra mim foi um alívio assim, quando ele entrou na porta foi um olhar de reconhecimento né, tanto meu, quanto dele e eu nem sabia o nome dele, eu lembro que durante a aula a gente não se falou, eu já estava sentada numa parte da sala e ele sentou do outro lado, mas depois ele me procurou no facebook foi e me mandou uma mensagem né, dizendo que tinha gostado muito de ter me encontrado na sala e que pra ele tinha sido um alívio também porque ele também tinha ido com isso né, será que vai ter uma pessoa negra nessa sala de aula?” Maria Rita

Esse reconhecimento de Maria Rita e seu colega, essa identificação que surge e alívio de não estarem a sós ocupando aquele espaço, é a prova de que os espaços universitários ainda são predominantemente brancos. No entanto, Marques (2018) aponta para uma leve modificação nesta situação. Diz o autor que “gradativamente, ainda que em número inferior, os negros vão colorindo o espaço acadêmico, mas que as instituições de ensino devem buscar mecanismos para, além do acesso, promoverem a sua permanência ali. (MARQUES, 2018, P.18)

Porém ainda percebemos atos de racismo, de desqualificação e de preconceito com o estudante negro, principalmente quando ele ocupa espaços não periféricos. Assim Sojourner Truth teve que responder “*se tinha bolsa de estudos*” tornando natural o fato de que estudante negro na universidade só com bolsa de estudos. No entanto, outra situação lhe deixou marcas extremamente positiva:

Teve uma aula de psicologia que a professora perguntou quem ali tinha os pais com formação superior, levantei a mão e fiquei feliz porque poucos levantaram a mão. Sojourner Truth

Apesar do aumento no número de negros frequentando universidades devido a Lei de Cotas, n. 12.711/2012, sancionada em 29 de agosto de 2012, que prevê a reserva de vagas nas instituições federais de ensino superior, aos estudantes de escolas públicas, de baixa renda, pretos, índigenas e pardos, o que se percebe, é que muitos negros que hoje frequentam as universidades são os primeiros de gerações e gerações. Assim,

Além das altas taxas de analfabetismo, poucos afro-brasileiros completaram estudos universitários. Embora vários ativistas reivindicam programas de ação afirmativas para garantir uma determinada porcentagem de afro-brasileiros nas universidades, a realidade é complicada pelos exames que os brasileiros devem prestar para assegurar um lugar na universidade e em muitos cargos governamentais. Só candidatos com boa formação no ensino médio têm chance de ser selecionados. Logicamente, os candidatos com mais recursos econômicos podem frequentar escolas particulares ou cursos especiais de preparação para esses exames. Dado os pobres recursos econômicos da maioria dos afro-brasileiros e a inadequação do sistema público escolar, estes estão em clara desvantagem. As estatísticas indicam que menos de 1% das mulheres e dos homens afro-brasileiros completam a educação universitária. (DAVIS, 2000, P. 84)

Nesta perspectiva, Sojourner Truth reflete sobre o tempo que levou e a distância para que um familiar e depois outro se formassem na graduação.

Algo triste, mas interessante foi que na família do meu pai, a Elisa, minha irmã foi a segunda a concluir o ensino superior, aproximadamente trinta anos depois que o meu pai, toda uma geração de primos que não chegou até o ensino superior. Por que? Será falta de oportunidade ou auto estima para buscar uma graduação?

Ecoa aqui o pensamento de que, antes da Lei de cotas, a entrada de negros em universidades era muito baixa, muitas vezes inexistentes, e por sua existência ser muito recente muitas das gerações passadas não tiveram acesso a esse espaço. Porém, Marques (2018, P.3) nos fala sobre essa nova realidade:

A partir da década de 1990, com a implantação de ações afirmativas, gradativamente se observa um novo desenho da política de educação superior, com o acesso de outro perfil de ingressantes, que em sua maioria eram a primeira geração de sua família a ingressar no ensino superior, pois a ausência de políticas de promoção de igualdade racial inviabilizava a entrada de jovens negros na universidade. (MARQUES, 2018, P.3)

Encerro esse capítulo afirmando que as mulheres negras aqui entrevistadas foram e continuam sendo resistência em uma sociedade estruturalmente racista e preconceituosa. No entanto, apesar das diversas situações vivenciadas continuam aqui, ali, lá ... resistindo.

5. Conclusão: uma breve interrupção

Estar me constituindo “mais negra”, após as vivências e aprendizados experienciados no curso de Educação do Campo- Ciências da Natureza, que defende uma política de inclusão dos povos do campo, especialmente os quilombolas, instigaram a minha curiosidade ao realizar essa pesquisa. Compreender, de forma mais densa os processos de exclusões no ambiente educacional formal, fizeram-me concluir que, apesar de algumas políticas públicas, especialmente as reservas de vagas para pessoas negras terem entrado em vigor, o número de negros no processo educacional desde o ensino fundamental até o ensino médio ainda é baixo. São inúmeras as variáveis que conformam essa situação. Mas, de acordo com as entrevistas, percebi que alguns fatores, tais como, a falta de elogio das crianças negras, que apesar de todo o esforço para irem bem nesse espaço nunca são reconhecidas e reconhecer-se em um espaço marcadamente branco, talvez, contribua, para essa situação.

Ademais, as discriminações enfrentadas pelo tipo de cabelo, foi sempre enfatizada pelas entrevistadas. Na época escolar isso era visto, por elas, como um problema a ser superado. Assim, obrigavam-se a usar sempre os cabelos presos, o que não evitava as piadinhas indesejáveis de seus colegas. No entanto, podemos identificar em uma das falas de Maria Rita que essa realidade vem se modificando e observa-se um empoderamento dos cabelos afro. Ainda durante o período escolar podemos perceber o sofrimento causado pela necessidade de forjarem um pertencimento a um espaço tido como branco. O sentimento dessas mulheres negras de não pertencimento, de deslocamento e a falta de preparo de alguns professores contribuíram para reforçar certas exclusões do ambiente escolar. Pode-se ainda avaliar e concluir que se as escolas já são lugares que não acolhem pessoas negras e não oferecem continuidades tornando esse um ambiente de partidas e distanciamentos dessas pessoas, a Universidade acaba sendo muitas vezes nem cogitada ou acessada. No entanto, Marques (2018, p.16) diz que “No contexto da universidade, em que a hegemonia branca prevalece, torna-se evidente que o estereótipo do negro é ponto de identificação que remete à construção ou ao fortalecimento da identidade negra”. O racismo estrutural, presente em nossa sociedade, torna difícil vermos professores, diretores, reitores ou coordenadores negros. O fato de, somente ingressar no ensino superior, exige desses sujeitos um desdobrarem-se, um duplicarem-se para se manterem nos bancos universitários. Outro gradiente de exclusão comentado no decorrer dos diálogos foi a tonalidade da pele e como isso interfere no acesso, dando mais possibilidades às negras de pele mais clara e excluindo negras mais retintas, como afirmou uma das entrevistadas. Se coloca em dúvida o lugar que cada uma de nós, negras, ocupamos no sentido de pertencer a lugares, ou de não se encaixar em nenhum, como por exemplo ter uma pele mais clara, mas traços e cabelos de negros.

Por fim, inferimos que o negro necessita ser resistente, e para isso a sociedade exige sua superação em busca de algo que, muitas vezes, não se sabe o quê, nem o porquê dessas exigências. No entanto, ao invés destas exigências seria preciso, de acordo com Munanga (2012, p. 10), “resgatar a história da população negra de forma positiva, em que a sua autoestima possa ocupar o lugar da memória negativa presente ao longo de sua história”. Assim, talvez se possa estancar essa sensação de que precisamos estar sempre nos superando para quem sabe, pertencer a determinados lugares e posições sociais.

A pesquisa me mostrou que a sociedade ainda está marcada pelo racismo estrutural e por uma cultura racista e, para que isso se modifique são necessárias novas estratégias, que incluam o negro, que lhe ofereçam continuidades nos ambientes

educacionais formais, para que assim possamos falar, discutir a(s) história (s) e a(s) culturas negras de forma digna. Diante disso, problematizo minha futura atuação tendo em vista a formação no curso de Educação do Campo- Ciências da Natureza. Como professora de ciências tenho o compromisso com o esfacelamento das estruturas que ainda sustentam o racismo. Quero oportunizar às crianças e jovens negros, histórias que os façam terem orgulho de quem são, de suas descendências e, principalmente tenho que ter a sensibilidade de analisar a trajetória e realidade de cada estudante, tentando proporcionar-lhes um ambiente mais acolhedor e de identificação.

Encerro essa pesquisa, afirmando que aprendi muito, que me sensibilizei com as narrativas de minhas entrevistadas, pois, muitas vezes, ali me enxerguei, me senti representada. Torno-me hoje mais negra! Ciente das lutas e dos caminhos que ainda temos que perseguir para que outros/as, como eu, possa concluir seus cursos de Graduação.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luís de. *O que é o Racismo Estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. *Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico*. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008

FONSECA, Marcus Vinícius. A arte de construir o invisível: o negro na historiografia educacional brasileira. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. n° 13 jan./abr. 2007

GALVÃO, M. P. *A presença do Racismo na Escola Pública: Um olhar para o quinto ano das escolas municipais, Irmã Maria Assunta Vieira e Professora Bernadete Marques de Sousa Ginane*, 2016. Trabalho de conclusão, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2016.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: Campinas: Autores Associados, n. 21, p. 40-51, 1995.

IBGE. (2019). *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça* publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br>. (Acesso dezembro, 2020)

ITAMARACÁ, Lia de. *Nagô, Nagô*. In: Eu sou Lia. Rio de Janeiro: ARION, 2000. CD, Faixa 7

JUSTIN, I. C. S. *Resistências e (re) existências: “Farmácia Comunitária” Do Vale da Solidão-Maquiné/RS*. 2019. Trabalho de conclusão, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tramandaí, 2019.

LIMA, L. O. *Meu Black vai ficar solto!: o (seu) Racismo passa pela (minha) cabeça*, 2015. Trabalho de conclusão, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira. O acesso à educação superior e o fortalecimento da identidade negra. In: *Revista Brasileira de Educação*. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, v. 23, 2018.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Inclusão Social: Um debate necessário?* Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2003.

NEVES, José Luiz. Pesquisa Qualitativa: Características, usos e possibilidades. In: *Cadernos de Pesquisa em Administração*. São Paulo, V.1, nº23, 1996.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. In: *Pesquisa e Práticas Psicossociais*. vol.12 no.2 São João Del-Rei abr./jun. 2017.

PEREIRA, Alexandre Carlo Cruz. *Palmares*. In NATIRUTZ. Povo Brasileiro. Rio de Janeiro: EMI, 1999. CD, faixa 5.

PRUDÊNCIO, K.T.C. *Quem traz na pele essa marca... trajetórias escolares de professores(as) negros(as)*, 2012. Trabalho de conclusão, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017

RIOS, M. S. *E se eles fossem negros?* 2015. Trabalho de conclusão, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carolyne Reis; NOGUEIRA, Maria Luíza Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade. Conte-me sua história: Reflexões sobre o método de história de vida. In: *Mosaico: Estudos Em Psicologia*. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, 2007.

SILVA, C. D. *Racismo e a produção de Estereótipos: Impactos na Subjetividade da Criança Negra no Brasil*, 2016. Trabalho de conclusão, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SOUZA. Júlio César de. Sociedade e Escravidão em Uberaba: O Processo Criminal de Maria Rita. In: *Anais do XXVII do Simpósio Nacional de História*. Natal, RN, 2013.

VALENTE, Ana Lúcia E.F. *Ser Negro no Brasil Hoje*. São Paulo: Moderna, 1996.

VANSTREELS, C. A democratização e expansão da educação superior no país 2003-2014. Brasília, DF: MEC, 2014.

A imagem utilizada na capa é resultante de uma transformação realizada na ilustração disponível em:

<https://www.google.com/search?q=desenho%20da%20consci%C3%Aancia%20negra&tbm=isch&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CB8QtI8BKAFqFwoTCKDCsaXGlu4CFQAAAAAdAAAAABAJ&biw=1066&bih=498#imgrc=hbGp2RtNXx5pOM>

ANEXO:

Modelo de TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS FORMAIS DE MULHERES NEGRAS: ENTRE EXCLUSÕES E RESISTÊNCIAS

Pesquisadora Responsável: Juliana Braz de Sousa

Professora Responsável: Dra. Claudia Glavam Duarte

Contatos:

Pesquisadora: Juliana Braz de Sousa, telefone: (51) 991874361, e-mail: juli3110braz@gmail.com

Problema de Pesquisa: **Mulheres negras, em seus percursos educacionais formais, enfrentam situações de discriminações étnico-raciais? Que situações são essas?**

Objetivos específicos: Investigar a trajetória escolar e acadêmica de três mulheres negras; Identificar, por intermédio de suas narrativas, os enfrentamentos étnico-raciais vivenciados por elas durante seus percursos educacionais formais, ou seja, escola e universidade; Identificar na narrativa de três mulheres já graduadas seus posicionamentos sobre o racismo estrutural vivenciado em nossa sociedade.

Procedimentos de pesquisa: Entrevistas. Se houver consentimento as entrevistas serão registradas e, depois de transcritas, lidas e revisadas pelos concedentes da pesquisa. Após esses procedimentos, comporão dados que serão analisados e possivelmente publicados, preservando o sigilo das pessoas que concederam as informações. A participação não acarreta em riscos à dignidade e à liberdade das pessoas, sendo que terão

acesso à produção de pesquisa, recebendo cópia do que for produzido e ou publicado. Após o uso destes materiais e assegurado um período de guarda formal, os dados serão descartados e ou devolvidos para os professores que concederam as entrevistas.

Consentimento

Autorizo o estudo acima descrito. Declaro ter sido devidamente informada e esclarecida sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. Tive acesso ao roteiro da entrevista e também a oportunidade de fazer perguntas. Recebi telefones e endereço para entrar em contato, caso tenha dúvidas ou queira desistir, a qualquer momento, sem penalidade ou prejuízo. Recebi uma cópia deste documento.

Nome: _____

Assinatura: _____

Assinatura da responsável pela pesquisa: _____

Assinatura da professora Responsável: _____

Tramandaí ____ de _____ 2021.